CENTRO UNIVERSITÁRIO FEEVALE

INSTITUTO DE CIÊNCIAS EXTAS E TECNOLÓGICAS

CASA CONCEITO

LEONARDO GIOVENARDI

Arquitetura e Urbanismo

Trabalho Final de Graduação - TFG

Prof. Ms. Leandro Manenti, Arq.

Novo Hamburgo, agosto de 2008.

SUMÁRIO

SUMÁRIO **2**
INTRODUÇÃO **3**
1ª FASE – Era uma vez... ..... **7**
RESGATE HISTÓRICO **8**
1.1 – O homem – Devoção e mercantilização do ser 9
1.2 - Individualismo a partir da divindade 10
1.3 - Individualismo auto-suficiente – capitalista 12
1.4 – A metamorfose 13
1.5 – Villas Palladianas – uma abordagem do surgimento do refúgio 14
1.6 – Mies e as casas pátio – isolamento *in*-urbano – auto-reflexão 19
2ª FASE – Nos dias de hoje **26**
CONTEXTOS ATUAIS **27**
2.1 – Subjetividade do “não-lugar” do habitar – suas “armas” e “ferramentas” 28
2.2 – Identidade – conseqüência, crise ou pluralismo? 33
PROBLEMA DA PESQUISA – Por quê? **36**
O PROBLEMA **37**
3ª FASE – É assim que vejo **39**
PROPOSTA DE TRABALHO **40**
4.1 – A família 43
4.2 – O local de inserção 44
4.3 – Levantamento Planialtimétrico 61
4.4 – Analogias – referências 64
4.4.1 – Casa 108 – H Arquitectes 66
4.4.2 – Casa Lago Pirihueico – Alejandro Aravena 68
4.4.3 – Casa em Lãs Rozas, Madrid – Ábalos e Herreros 71
4.4.4 – Casa J2 – 3LHD Architects 74
4.4.5 – Casa Poli – Pezo von Ellrichshausen 77

4.4.6 – Vila Isabella – Brasil Arquitetura 80
4.4.7 – Casa OS – Nolaster 83
4.5 – Programa de Necessidades 88
4.6 – Intenções Projetuais 90
4. 7 – Diagramas de ocupação.....91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 94

INTRODUÇÃO

Ah! Esses sujeitos de má vontade... Por que querem mudar aquilo que todos aceitam de bom grado e sem qualquer reflexão? Quem lhes dá o direito de levantarem a voz para dizer que não sabem aquilo que "todo mundo sabe"?[1]

(DELEUZE, apud Schöpke, 2004. p. 29)

A presente pesquisa busca analisar dados históricos, científicos e filosóficos sobre o tema da habitação, a fim de desenvolver o projeto arquitetônico de uma residência dedicada a uma família contemporânea, propondo espaços que integrem, não apenas, a *tríplice qualitate:* construtiva, estética e funcional, mas também, os indivíduos que dela usufruirão contribuindo para uma revisão das interações sociais.

[1] SCHÖPKE, Regina. *O pensamento como ultrapassagem da representação clássica*. In: **Por uma filosofia da diferença: Gillles Deluze, o pensador nômade.** Rio de Janeiro: Ed. Contraponto; São Paulo: Edusp, 2004. p. 29.

A pesquisa que segue serve como base fundamentadora que analisará, através de referências históricas e bibliográficas, aspectos que tratam sobre o morar na contemporaneidade, sendo recurso de referência ao desenvolvimento do projeto arquitetônico já citado.

Busca o entendimento do homem em meio à sociedade[2] e como essa reagiu, estereotipando na arquitetura suas críticas. Faz questão, nesse sentido exploratório, de compreender a contemporaneidade social, para então tecer traços de projetos.

O tema habitação, moradia, residência, ou qualquer substantivo aplicado ao espaço que se compreende àquilo que é necessário ao entendimento da vida do homem no cotidiano, é uma busca constante de pesquisa e investigação por parte dos arquitetos, a fim de perceber as necessidades básicas de conforto, seja na configuração espacial ou nas demandas subjetivas (de aparelhos/equipamentos), à ele imposta.

Para tanto se dividiu, essa primeira etapa do trabalho, em três momentos distintos: a *primeira fase,* que aborda uma pesquisa bibliográfica, relatando contextos históricos, atribuídos a fatos, a fim de qualificar o tema. Uma análise do entendimento do homem, após introdução do mercantilismo, remetendo-se as *villas* de campo *Palladianas*, no período definido por alguns historiadores como *a primeira era moderna* – O Renascimento, séc. XV e XVI. Onde a troca do sistema feudal pelo mercantil, repercutiu na sociedade de maneira a criar uma nova classe nobre, a "nobreza menor". Daí, ao salto no período histórico, buscando compreender o outro homem moderno[3], que Friedrich Nietszche qualifica como o "super-homem" – *sujeito no centro, auto-suficiente de liberdade e autoconstrução à margem dos outros*. Uma resenha sobre a abordagem de Iñaki Abalos, no seu livro *A boa vida: visita guiada as casas da modernidade*, sobre as casas pátio de Mies van der Rohe. Segundo Ábalos, o que foi importante em Mies, é a idéia de individualizar um "sistema", isto é,

[2] Referindo-se a períodos históricos, não no sentido cronológico, e sim em dois momentos críticos, que influenciaram o homem, a sociedade e também a arquitetura.
[3] Análise de Friedrich Nietzsche, ao homem que compreende o período pós industrialização. Transição do séc. XIX – XX.

de operar com poucas variáveis, ligadas entre si, para obter resultados completos e diversos, tanto construtivos, quanto espaciais.

Após essa estruturação, passamos à *segunda fase*, na qual estudamos contextos atuais do homem e da moradia. Como os benefícios e malefícios que a globalização e a virtualização – essa era tecnológica – podem se refletir no espaço do cotidiano humano. O entendimento de quem é esse sujeito contemporâneo, suas necessidade de sobrevivência; as demandas tecnológicas do mundo virtual (telefone, internet, etc...); os relacionamentos temporais das redes virtuais e as conjunturas propostas do Zygmunt Bauman, servem como reflexão dessa *modernidade líquida* que trás as incertezas da razão.

Após essa análise conceitual de qualidades e subjetividades associadas ao espaço pelo homem habitado, fez surgir à *terceira fase* da pesquisa, que tem o caráter de subsidiar o projeto arquitetônico, foco do desenvolvimento do estudo. Com análises do sítio de implantação da proposta; justificativas do tema; analogias tipológicas; definição da demanda dos espaços e estudos de viabilidade, obtivemos dados necessário para que se possa cumprir a próxima etapa.

1ª FASE

Era uma vez...

I - RESGATE HISTÓRICO

Ao abordarmos o tema da habitação como proposta de trabalho, se resolveu fazer uma revisão histórica, a fim de entender os condicionantes que levaram o desenvolvimento das moradias nos dias atuais.

Essa pesquisa não visa esgotar as possibilidades e rever a habitação em um intervalo de tempo longo da história da humanidade, e sim, através de dois períodos críticos que consideramos cruciais à analise. Momentos esses, que aliados à temática da residência, o figurante principal está centrado na análise do homem – o indivíduo – e as sociedades ao quais esses estavam inseridos.

Para tanto, fazer uma abordagem primeira do entendimento dos indivíduos (das sociedades) é de extrema necessidade, pois a partir dessas relevâncias que abordaremos, compreenderemos as circunstâncias que implicaram no desenvolvimento da morada nas épocas relacionadas.

O primeiro desses momentos épcios, segundo antropólogos como Georg Simmel e Louis Dumont, surgiu com o comércio, na transição entre os sistemas feudal ao mercantil, durante os séculos XV e XVI. Fez se configurar uma “nova”

sociedade, fundamentada no pensamento capitalista, que ainda não definido por esse termo, já alterava o padrão de comportamento da sociedade da época. Formada por uma classe de pessoas entre o clero e a nobreza, ligadas diretamente a administração papal, conforme o arquiteto e historiador Cláudio Calovi Pereira define-a de a "nobreza menor", que impulsiona a demanda por uma arquitetura doméstica ainda não solicitada para os padrões daquele tempo.

O outro período histórico remete-se ao início do século XX e a produção da moradia seriada, estandardização, em resposta ao movimento industrial que rompe mais uma vez com a sociedade e seus conceitos da época. A interpretação da residência como uma máquina de habitar, ao qual pudesse seguir um padrão e ser aplicado a todos os casos, clientes, pessoas, surgiu como reflexo dessa era industrial. Já, o filósofo Friedrich Nietzsche, faz uma análise do homem desse período, classificando-o como um ser individualista, que busca na sua interiorização a vontade de se reduzir e ao mesmo tempo de se tornar o sujeito no centro de tudo; auto-suficiente de liberdade; autoconstrução à margem dos outros; pois a essa teoria estava associada a figura que o movimento industrial institucionalizou. Um homem que interage com a máquina, fazendo-a produzir todas as necessidades pessoais, conforme demonstradas no filme *Mon Oncle*, de Jacques Tati, de uma maneira sintética e genial (e ainda atual). E que a partir desse indivíduo o arquiteto Mies van der Rohe produz uma série de projetos residenciais, a fim de experimentar uma nova topologia aplicada a arquitetura doméstica, enfatizando principalmente a individualidade do homem moderno.

1.1 - O Homem – Devoção e Mercantilização do ser

A compreensão do homem e da sociedade como sujeitos que interagem com a cultura, com o desenvolvimento da cidade e principalmente como instrumentos que configuram os espaços domésticos é primordial para fundamentar a análise das épocas escolhidas ao estudo, pois visam abordar o "universo" que esses estavam inserindo e qual a arquitetura residencial que foi concebida à época.

É visto que o individualismo nas culturas se torna cada vez mais importante para entendermos o funcionamento do mundo contemporâneo, e assim, uma das formas de retratar mais adequadamente a complexidade das relações atuais. Consideramos importantes, para um melhor entendimento da proposta, fazer uma apresentação das idéias de individualismo, a partir da análise de alguns autores antropólogos como Dumont, Stolcke e Simmel, para poder refletir suas interferências na sociedade, e compreender a relação desse indivíduo na arquitetura.

Antes de se decorrer a abordagem individual reflexiva e ao se deparar com o crescente individualismo na sociedade contemporânea, devemos ressaltar o significado do termo. Segundo o dicionário Aurélio: *individualismo* trata da existência individual, do sentimento ou conduta egocêntrica. Sua raiz gramatical, e não tão menos importante, o *indivíduo* significa indiviso[4]; o exemplar de uma espécie qualquer, orgânica ou inorgânica, que constitui uma unidade distinta; a pessoa humana considerada em suas características particulares, criatura; pessoa qualquer; sujeito, cidadão.

1.2 - Individualismo a partir da divindade

Entendidos os significados mais amplos da abordagem do *indivíduo* e *individualismo*, partimos à análise de Dumont[5], onde aborda a transição do *"indivíduo-fora-do-mundo"* ao *"indivíduo-no-mundo"*. Nessa abordagem, ele faz um retrospecto histórico do desenvolvimento do individualismo, tanto para autores ou filósofos, como também o cristianismo e o Estado, que foi onde surgiram os pressupostos para o individualismo presente na sociedade contemporânea.

Para Dumont, o "indivíduo-fora-do-mundo", teve início na era cristã, como reflexo da época que se pensava na salvação obtida na relação com Deus; distante, assim, do mundo social, onde apresentou com uma perspectiva comparativa e usa o sistema de castas indiano para tal. Para Dumont, o ser indiano é um individuo renunciante (fora do mundo). O indivíduo no mundo é o indivíduo atual, advindo da

[4] Segundo dicionário Aurélio: Não dividido, não divíduo, indivíduo;
[5] DUMONT, Louis. "Do indivído-fora-do-mundo ao indivíduo-no-mundo". In: **O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna.** Cap. I, Rio de Janeiro, Rocco, 1985.

idéia de Calvino, ao qual a salvação se tornou diretamente ligada à ação do homem no mundo.

Sua reflexão, sobre o citado anteriormente, parte sobre o holismo e o individualismo. O individualismo sendo o caráter do mundo moderno e ocidental – tendo como valor supremo o indivíduo, e o holismo sendo caráter das sociedades tradicionais, como a Índia.

Partindo para compreensão do pensamento de Stolcke, é importante entender o histórico que ela fez sobre a vida de Dumont, a fim de ajudar na compreensão sobre as teorias do mesmo. Segundo Stolcke, a contribuição de Dumont foi repensar a ideologia da antropologia moderna, porém afirmar também que a modernidade é contraditória às suas próprias ideologias.

Baseado nas distinções de indivíduo empírico (da natureza = holístico) e o ser da razão (ser moral = individualismo), Stolcke entende que Dumont define uma separação na sociedade moderna com relação à natureza e a instauração do indivíduo autônomo. Para ele, o surgimento do individualismo significará simultaneamente a cegueira perante o social. E é a essa cegueira ao social que será abordado na segunda fase a partir das idéias de Zigmunt Bauman.

O indivíduo moderno (concebido como sujeito moral, independente, autônomo ao qual ignora a totalidade social) se entende como agente emancipado das relações sociais, salvo de toda a ordem coletiva (sociedade) e igual a todos os demais seres humanos e enquanto encarnação da humanidade, como diria Stolcke[6]. Dessa forma, o individualismo moderno é *"inconsciência do social"* e que o individual envolve igualdade e liberdade. Dumont aborda que para haver comparações do indivíduo na modernidade, terá que se buscar suas origens, levando em conta as mudanças estruturais.

[6] STOCKE, Verena. "Gloria o Maldición del Individualismo Moderno según Louis Dumont". **Revista de Antropologia**, v. 44, n. 2, pp. 7 a 37, 2001.

Para um entendimento melhor do indivíduo moderno[7], as relações sociais e os contextos aos quais estavam inseridos, Simmel o classificará como um sujeito de troca – mercadoria, em virtude do surgimento do capitalismo e do poder de compra que esse vínculo social se estabeleceu ao homem.

1.3 - Individualismo auto-suficiente - capitalista

Segundo Simmel, a existência do homem moderno está numa rede de relações de interesses monetários, do qual o indivíduo não pode existir sem. Tomando partido desse ponto de vista, o dinheiro se tornou o centro das realizações dos desejos mais íntimos do ser, ou seja, um meio de se conduzir à felicidade. Nessas circunstâncias, o ganho de dinheiro proporciona ao homem o alcance à sua felicidade, sua liberdade e sua individualidade.

O homem pré-moderno[8] ficava vinculado aos outros homens individualmente, em virtude da necessidade de troca de bens. Esses eram bem definidos e impermutáveis, enquanto hoje dependemos muito mais de fornecedores, mas esses podendo trocá-los ao nosso arbítrio.

Ainda parafraseando Simmel, foi na modernidade que se produziu a individualidade ao estabelecer um padrão social, cujos traços marcantes são a liberdade pessoal, a singularidade própria de cada um e a auto-responsabilidade.

> *"Precisamente tal relação tem de gerar um forte individualismo, pois não é o isolamento em si que aliena e distancia os homens, reduzindo-os a si próprios. Pelo contrário é uma força específica de se relacionar com eles, de tal modo que implica anonimidade e desinteresse pela individualidade do outro, que provoca o individualismo."*
>
> *(Simmel, apud CAVALCANTE, Thayene G., (2004) Op. Cit. P: 46.).*

[7] Trata-se aqui do indivíduo nas épocas da renascença, séc. XV e XVI, e a modernidade do séc. XX, proveniente das transformações das sociedades industriais do final do séc. XIX.
[8] O homem do período feudal, do qual precede o Renascimento.

De acordo com o discurso de Simmel, a noção de individualismo esta diretamente relacionada à economia da modernidade contemporânea, na qual o indivíduo esta sempre em busca de se individualizar. Esse ser, portanto, é apenas um sujeito de troca, aliado a uma sociabilidade que só se dá como expressão, do qual a cultura do dinheiro é o fator individualizador dos homens.

Simmel ainda destaca que o caminho do indivíduo à sua individualidade acontece nas relações objetivas com os outros. Define então como *homem genérico*; o individualismo reflete o estilo de vida urbano (preso às condições objetivas), e a *individualidade como espaço subjetivo de liberdade*.

Compreendendo o universo em que se desenvolveu o individualismo, citado por Dumont e Simmel, é que se configura o entendimento da arquitetura (do cotidiano) como reflexo de uma sociedade em transformação. São nessas relações que os estudos a seguir sobre as *villas* de campo de Palladio, no período do Renascimento, no séc. XV e XVI, e as abordagens em Mies, dos seus projetos de casas-patio, na década de 30 (do séc. XX) são referências dessas transformações.

1.4 - A metamorfose

Tratamos de uma investigação a fim de compreender a atmosfera que exercia mutações nas formas mais banais do habitar durante duas grandes transformações da sociedade, em virtude do surgimento do capitalismo, do poder monetário. A primeira delas, na *primeira era moderna*, o Renascimento, que estabeleceu a troca do sistema feudal pelo sistema mercantil. O marco do capitalismo, pelo qual o escambo deixa de se configurar como meio financeiro e o comércio entra em vigor. A segunda transformação é a era industrial – a modernidade – período modernista –, com a firmação do capitalismo atual e a dependência da máquina. A criação de uma sociedade genérica e preocupada com a massificação provinda da grande produção industrial.

O individualismo, seus objetos construídos, as razões pela qual foram criados os espaços nesses períodos ajudarão a estabelecer conexões com a contemporaneidade.

Trata-se de um *"sistema"* que pode ser gerenciado pelo homem, ou está ligado a uma rede de informações fundidas e complexas?

1.5 - Villas Palladianas – uma abordagem do surgimento do refugio...

As *Villas Palladianas* foram as estudadas como representação da primeira fase dessa modernidade apresentada até então. Dentre os diversos arquitetos que produziram uma arquitetura doméstica no renascimento, Palladio foi o escolhido, pois de acordo com o arquiteto historiador Rinaldo P. Barbosa, apresentavam documentações gráficas que traziam consigo relatos da época ao qual valorizavam o teor arquitetônico aos estudos.

Segundo Barbosa[9], a demanda de projetos residenciais, ou domésticos, é uma novidade no séc. XVI, uma vez que até o séc. XV a maioria das obras era proveniente do clero e da nobreza. A formação de uma nova classe média, a partir do Renascimento, faz com que o desejo da moradia se reflita em uma nova maneira de morar, seja na cidade ou no campo. Uma vez que a reestruturação política de Roma, entre os séc. XV e XVI, passou de um sistema feudal de troca, para um sistema mercantil, fez surgir assim, uma nova classe, a "nobreza menor", citada por Pereira, como sendo uma classe ligada diretamente à corte papal de Roma.

> *"Ao fim do século XV, a restauração política de Roma havia criado uma "nobreza menor" na cidade, composta principalmente por classes profissionais ligadas à administração da burocracia papal e à provisão de serviços para a mesma. Tratava-se de diplomatas, juristas, escrivães, economistas, secretários, tradutores, literatos, médicos e artistas.*

[9] BARBOSA, Rinaldo Ferreira. **Explorando as Villas de Palladio:** uma leitura contemporânea sobre composição arquitetônica. 2005. 302 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul,Porto Alegre-RS, p. 57-60 – 2005

Alguns deles somavam à sua ocupação secular algum cargo ou função eclesiástica".[10]

(BARBOSA, Rinaldo. 2001.)

A ascensão dessa nova classe média, associada às mudanças comerciais e sociais dos séculos anteriores, trouxe consigo a demanda por espaços diferenciados à cidade, assim como novos espaços de moradias, uma vez que essa classe emergente vislumbrava nos edifícios da nobreza, inspiração para execução de seus edifícios residenciais, ancorado na nova ideologia humanista proveniente também da nobreza.

É nesse momento que se identificou o surgimento de uma individualidade, pela qual, a configuração social, baseada nas relações sociais e comerciais, cria classes cada vez mais fragmentadas no seu meio. Como citado anteriormente, onde Dummont, segundo Sotlcke, classifica o homem na sociedade como *indivíduo-empírico*[11], proveniente da idéia de liberdade, definida por Simmel como o *homem-genérico*.

Uma forma encontrada para solucionar a demanda por espaços mais apropriados para essa nova classe que surgia, Palladio executa, durante o período do Renascimento, uma quantidade de residências que até então não tinha o caráter de refúgio. Uma edificação baseada nos grandes edifícios, destinados a nobreza e ao clero, onde na cidade, no meio urbano, eram classificados como palacetes, e no campo, classificados como *villas.*

Portanto, ainda segundo Barbosa, a "villa" não somente é a cura ao problema da edificação da moradia, pois carrega consigo, características sociais, de localização, tipo de uso e expectativa do cliente privado que surgira no Renascimento em relação ao programa da residência.

---

[10] PEREIRA, Cláudio C. (2001a). **Prática Profissional e o projeto de Palácios Menores no Renascimento Italian**o. ARQTEXTO-, Porto Alegre, N° 1. p. 38-47 – 1°semestre 2001 –PR0PAR/UFRGS.
[11] Vide p. 3.

Tomando como base, teóricos como Ackerman, Calovi, Barbosa e outros, o programa básico para concepção de uma villa sofreu poucas alterações através dos tempos, desde a antiguidade romana até os dias atuais. Porém, para investigação de moradia além dos limites da cidade, pouco evoluiu ao contrário de outras tipologias arquitetônicas que mudaram significativamente no decorrer da história.

Segundo Ackerman[12], a villa tem seu programa pouco alterado, por prover de necessidades psicológicas e ideológicas dos proprietários, e não material ou tecnológica, ou mesmo de experimentação de novas necessidades.

Quando se trata da investigação longe de um contexto urbano, as características associadas ao prazer e descanso de seus proprietários são os principais condicionantes de entendimento e das proposições de solução do espaço. E o prazer e descanso se tornam os fatores determinantes que as distinguem de qualquer outra experimentação de edificação doméstica, seja uma casa na cidade, na praia – vide realidade atual – ou na fazenda, que requerem espaços de preocupações de controle, seja de supervisão e manutenção de áreas de acordo com determinada situação. Praticamente surgem nesse período como uma forma de se refugiarem do caos que as cidades estavam provocando, em virtude das transformações as quais vinham sofrendo com o crescimento do comércio.

Quando se trata da villa, como sendo propriedade isolada dos limites da cidade (consideramos a partir de agora o termo villa a esse contexto) no período do Renascimento – e não muito diferente dos dias atuais – trata-se de uma segunda morada. Pois segundo Burns[13], os proprietários tinham suas casas e suas atividades sociais e políticas ligadas à cidade, tendo a villa como local de refúgio e gerador de recursos financeiros agrícolas.

---

[12] ACKERMAN, James S. (1985) **– The Villa, Form and Ideology of Country Houses**. Washington: Princeton University Press.
[13] BURNS, Howard et al (1975). **Andrea Palladio 1508- 1580. The portico and the farmyard**. London: Graphis press. P: 163.

"Carreiras eram desenvolvidas na cidade, não no campo. A cidade era o centro mantenedor da rede de amizades e alianças pessoais, que só poderiam ser feitas com o aparecimento regular na "Piazza". Festas de jantares agradáveis na vila ou jogos de caça fora da propriedade eram somente meios de consolidar uma posição social e política que, entretanto pudesse ser suportada pelo rendimento do campo, mas essencialmente baseada na cidade.".

(BURNS, 1975, apud Babosa, 2001. p. 117 e 118).

Associado as necessidades de descanso e lazer, a fim de proporcionar uma melhor qualidade de vida, com os benefícios dos "ares" rurais e a contemplação a paisagem transcende gerações, de Palladio a Le Corbusier, ao descrever a Villa Savoye e sua implantação, referindo-se a vida local como parte de um sonho Virgiliano.

"A vegetação continuará na beira dos caminhos, nada será molestado, nem as árvores, nem as flores, nem os rebanhos. Os moradores foram morar lá porque esse campo agreste era belo com a vida que ele oferecia. Mantido intacto, eles o contemplarão do alto de seus jardins suspensos ou das quatro faces de suas janelas corridas. Sua vida doméstica será inserida em um sonho virgiliano."[14]

(Le Corbusier, 2004. p. 149)

Para o Renascimento, segundo Barbosa, o surgimento da villa, visa contemplar um desejo de expressão de status e poder, sob a desculpa de um local de descanso e lazer.

Encarando as *villas* como sendo propriedades rurais, uma vez que não estão inseridas no entorno urbano, as mesmas estabelecem parâmetros sobre sua

[14] Le Corbusier (2004). **Precisões**. São Paulo: Cosac & Nasif. P: 149.

implantação com mesmos critérios estabelecidos para uma residência urbana: orientação, acessos, proximidade de infra-estrutura, ventos, visuais, etc.

Tomando como base considerações citadas por Barbosa, em seus estudos sobre as villas palladianas, as mesmas surgem no período Renascentista como sendo uma *nova forma de habitar a residência.* Ressalta, além das questões climáticas e de infra-estrutura, o mérito do caráter da residência de campo, pois além de um local de descanso o proprietário deve poder controlar suas terras, identificando o centro da propriedade no local mais alto como ideal a ser inserida a edificação. Essa relação com um terreno amplo permite ao arquiteto investigar e elaborar a situação de melhor conveniência em todas as questões referentes à localização da casa. Ainda segundo Barbosa[15], cita Palladio, no qual descreve que, para definição do local à residência rural, todas as questões levantadas e colocadas à casa da cidade também devem estar presentes, uma vez que a cidade não é mais ou menos que uma grande casa e a casa uma pequena cidade.

Esse entendimento do surgimento da residência isolada dos meios urbanos é fator preponderante como justificativa de complexidade. Não por ignorar as relações ao edificado urbano, mas por apresentar uma demanda que corresponde à questões subjetivas, associadas ao cliente e suas preocupações pessoais e sociais; as relações da implantação com os afazeres ao seu entorno; a contemplação a natureza e as mesmas condições técnicas aplicadas a uma residência na cidade.

[15] BARBOSA, Rinaldo Ferreira. **Explorando as Villas de Palladio:** uma leitura contemporânea sobre composição arquitetônica. 2005. p. 100

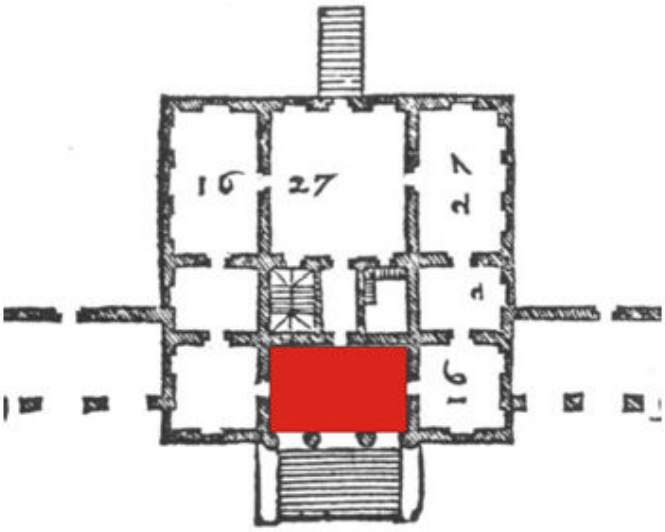


Imagem 01: Planta baixa – Villa Emo – 1564 – Localizada em Fanzolo, Treviso, Itália
Fonte: Barbosa, 2005.

Como um contraponto desse isolamento, a seguir uma abordagem sobre projetos residenciais elaborados por Mies van der Rohe, para um indivíduo que tenta encontrar em si, a liberdade do convívio social, mostra um oposto do que apresentado sobre as *villas palladianas*. O que identificamos como um *isolamento contíguo*, pois trata-se do reflexo da moradia aos tempos industriais do final do séc. XIX, criando uma caixa ao indivíduo no meio da complexidade urbana.

1.6 - Mies e as casas-pátio, isolamento *in*-urbano – auto-reflexão.

A industrialização e toda a atmosfera que pairavam no contexto do final do séc. XIX, fizeram criar uma demanda de habitações que buscavam solucionar o problema do habitar na cidade. Como reflexo desse mecanicismo a residência passou a ser abordada como uma máquina também. Tinha-se idéia que as casas deveriam ser produzidas em série, como o *sistema fordista* de produção dos automóveis.

Através da análise de Abalos[16], Mies van der Rohe elaborou projetos individualizados, inteiramente avessos à idéia de estandardização, investigado por seus contemporâneos, como Hannes Meyer, Hugo Häring ou Ludwig Hilberseimer,

[16] ÁBALOS, Iñaki. **La buena vida:** visita guiada a las casas de de modernidad. 2. ed. Barcelona: Gustavo Gili, 2001

que experimentavam através da idéia de *Existenzminimum*[17], a otimização de tipos estandardizados de habitação, produção em série, unidades idênticas padronizando em tipologias de baixo custo, com boa orientação solar e um aproveitamento racional do terreno, direcionando as famílias-tipo, sejam das classes operária ou burguesa.

É para um sujeito, baseado nas conjunturas do filósofo Friedrich Nietzsche que Mies explora o individualismo. O mesmo sujeito alienado da sociedade, que Simmel colocou como uma espécie que reflete o estilo de vida urbano contemporâneo (preso às condições objetivas), e a *individualidade como espaço subjetivo de liberdade*.

Segundo Ábalos, o que foi importante para Mies, é a idéia de individualizar um "sistema", isto é, de operar com poucas variáveis, ligadas entre si, para obter resultados completos e diversos, tanto construtivos, quanto espaciais e estruturais. É evidente o distanciamento da investigação estritamente de uma visão funcionalista, de um modernismo ortodoxo.

Todas as casas pesquisadas por Ábalos, nos projetos elaborados entre 1931 a 1938, são particularizadas, contrárias, portanto à idéia do "objeto-tipo" da produção seriada: *nitidamente, o que se observa é a o caráter de individualidade em cada projeto, visto que cada um tem uma dimensão, seja da edificação, do lote, dos espaços conformados entre os planos, e os vazios dos pátios.*

Porém o que ressalta Ábalos, em seus estudos, é entender a quem se destinava o projeto das casas-pátio (ou villas, dependendo do autor). Uma vez que são experimentações de Mies sobre o espaço de habitar, em diferentes situações de leiaute, não seguindo uma padronização de configurações, mas sim, sistematizando reflexões sobre o uso de elementos básicos para configuração de variadas áreas de

---

[17] 1929, CIAM II(**Congrès Internationaux d'Architecture Moderne** (literalmente: *Congressos Internacionais da Arquitetura Moderna)* (Frankfurt, Alemanha). ***Unidade mínima de habitação*** **(*Existenzminimum*)** *Fonte: Wikipédia, acesso em 04.08.2008*

uso. É nítido nos projetos que, no programa apresentado, não há uma elaboração para uma família. Quando Mies se propõem a trabalhar o mais abstratamente possível com a casa, ele renuncia então a pensar a proposta à família.

Retorna aqui a importância do entendimento desse indivíduo, que apresentamos no início da pesquisa, resultado de uma transformação completa do sistema, que nesse período a ênfase de ressaltar o capitalismo como forma de condução de um pensamento.

Em nenhuma das propostas apresentadas nos projetos decorrentes aos estudos de casas-pátio Mies elaborou espaços com mais do que uma cama (um dormitório), assim como não se propôs a configurar um espaço fechado, delimitado por paredes e portas, e sim uma configuração do modo de habitar organizado topologicamente. Uma edificação, descreve Ábalos, *como um meio contínuo que se movimenta, dispondo seus móveis e objetos de tal forma que, em função do isolamento obtido através destes movimentos, não é difícil determinar a particularidade de cada lugar e seu uso previsível*[18]. A habitação tem sua base na continuidade e na conexão, onde se corresponde a uma estratégia de projeto geométrica que se transpõe no traçado das divisões, na fragmentação e na segregação. Ábalos conclui que o espaço contínuo é, assim, parte do "sistema", e conseqüência de uma exploração sem precedentes.

Como sendo uma apresentação em raio-x dos projetos, a configuração estrutural dos espaços: os muros que cercam as edificações não são elementos que servem para sustentação das lajes planas, ou para configuração do lote, nem tão pouco para proteger das intempéries do tempo (vento, iluminação, etc.), mas sim para proporcionar privacidade ao usuário, que desfruta da habitação como um todo, onde o vidro da vedação permite a permeabilidade entre os edificado e o natural (jardim). Ou seja, ocultar do mundo externo a ele, quem habita a residência, para permitir que, dentro do espaço gerado entre os muros e a casa, transparência das vedações da edificação, transcorra uma vida profundamente livre, conforme indaga

[18] ÁBALOS, Iñaki. **La buena vida**, 2001, p. 23.

Ábalos, *à margem da insuportável visibilidade que a moral calvinista impõe a seus companheiros modernos*.

A interpretação de Ábalos ao sujeito figurativo imaginado por Mies, precisa de uma condição inicial de isolamento, da possibilidade da autoconstrução podendo apropriar-se do mundo, mantendo relação instintiva e em expansão, vinculando-se a um presente contínuo de deslumbrante intensidade. Como definiu Simmel, que de acordo com a noção de individualismo, esta diretamente relacionada à economia da modernidade contemporânea, pelo qual o homem esta sempre em busca de se individualizar.

Entendemos até então que Mies aborda no projeto de casas-pátio um homem isolado, que busca na sua reflexão pessoal a intenção de se reduzir e ao mesmo instante de converter esse sujeito no centro auto-suficiente de liberdade.

De fato, Mies teve muita influência na sua visão de mundo, através do ciclo de amizade e de formação intelectual. E nesse contexto, o filósofo Friedrich Nietzsche era presente, no qual através da leitura de seus livros, constituiria a idéia de refletir sua posição no mundo, sua própria luta pela construção plena de sua individualidade. E é através das teorias de Nietzsche que se nota o caráter da individualidade do pensamento de Mies aos projetos comentados.

Segundo a análise de Ábalos, para um melhor entendimento aos projetos de Mies às casas-pátio, é necessário compreender duas figuras filosóficas de Nietzsche, tal qual cita que a morte dos deuses e da metafísica ocidental marca o princípio da idéia da afirmação, da vontade de poder, que têm no “super-homem” e na teoria do “eterno retorno”.

E o entendimento das figuras citadas em Nietzsche, que a figura do “super-homem” deve reconstruir sua posição no mundo, abdicando toda a sujeição a

ele imposta, necessitando, portanto, um modo de ser no isolamento, a fim de possibilitar sua autoconstrução apropriando-se do mundo.

Já o eterno retorno é, em Nietzsche, segundo Ábalos[19], *a recuperação, pelo homem, do perecível e do mutável, uma recuperação do presente frente à tirania do futuro divino ou do passado tradicional, uma volta à vida e às paixões contrárias à domesticação da moral dos escravos.*

A análise que Ábalos aborda sobre a observação do homem que Mies elegeu para figurar sob sua arquitetura de casas-pátio é uma relação contemplativa entre homem, natureza e a linha do tempo na tentativa de entender a autoconstrução desse personagem através do cenário a ele definido por simples espaços que configuram a auto-suficiência do ser, através de sucessivas repetições do mesmo cotidiano. Um espaço concebido com o mínimo suficiente para sua autoconstrução.

Assim transcreve Ábalos, em sua análise:

> *"Se pudéssemos permanecer eternamente sentados, contemplando essa paisagem de uma das poltronas Barcelona dispostas no interior da casa, e acelerássemos esta imagem como os fotogramas de um filme, assistiríamos a um espetáculo revelador: o da eterna sucessão do mesmo, o do caráter circular do tempo natural frente à linearidade do tempo histórico. Ao ciclo do dia sucede o da noite, à pradaria coberta pela neve sucede a chuva e a florescência das árvores, depois a queda das folhas, e assim sucessivamente, num espetáculo iterativo, preparado por esta cenografia em que o céu e o jardim – a natureza – aparecem como uma metáfora do tempo cíclico, e a grande fachada envidraçada, como um excepcional diorama para a sua contemplação."*
>
> *(ÁBALOS, Iñaki. La buena vida, 2001, p. 26 e 27)*

[19] ÁBALOS, Iñaki. **La buena vida**, 2001, p. 25 e 26.

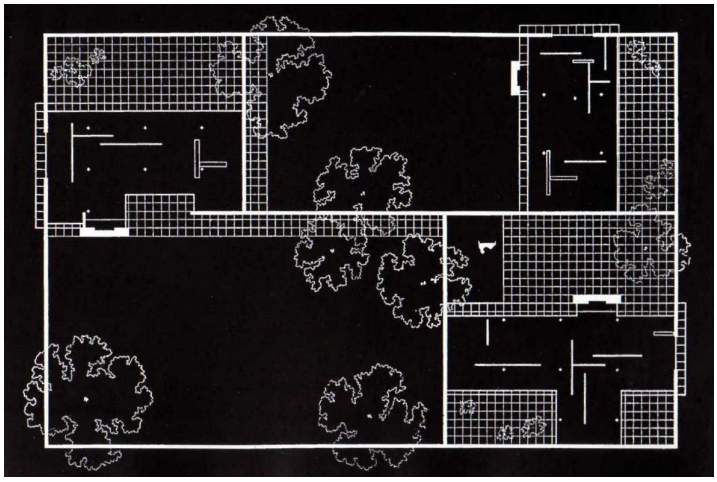


Imagem 02: Conjunto de casas-pátio – Mies van der Rohe, 1934.
Fonte: Ábalos, 2002.

Foto 01: Fotografia do interior da Casa Farnsworth – Projeto Mies van der Rohe
Fonte: www.farnsworthhouse.org – acessado em 21/08/2008.

Em *A Gaia Ciência*, Nietzsche descreve o eterno-retorno, através de seu aforismo – Arquitetura para os que buscam conhecimento:

> *"Chegará um dia – quiçá muito breve – em que se reconhecerá o que falta a nossas grandes cidades: lugares silenciosos, vastos e espaçosos, para meditação. Lugares com largas galerias cobertas para os dias de chuva e sol, aos quais não atingirá o ruído dos carros, nem o pregão dos mercadores, onde uma etiqueta mais sutil proibirá ate ao sacerdote de orar em voz alta: edifícios e construções que, em seu conjunto, expressarão o que há de sublime na meditação e no isolamento do mundo... Queremos traduzir a nós mesmos em*

pedras e plantas, queremos passear por nós mesmos enquanto circulamos por essas galerias e esses jardins."[20]

(Nietzsche apud ÁBALOS, Iñaki. (2001) Op. Cit. P: 27.)

Em resumo, através da análise de Ábalos, em referência aos projetos de Mies às casas-pátio, segundo palavras dele, *descobrimos a forma de conceber um programa completo do habitar, quase um método de projeto com o que, partindo de um "novo" sujeito, pode-se construir um sistema.*

Ele ainda conclui:

"Se quisermos modificar nossa forma de pensar e de projetar casas, parece imprescindível modificar, em primeiro lugar, os critérios taxonômicos existentes, procedendo a uma distinta ordenação da experiência, priorizando os aspectos relativos à construção dos diferentes sujeitos com os quais se relaciona o espaço privado..., permitindo uma redescrição da casa, do espaço privado, dos múltiplos e confusos ideais que se associam a ele, identificando categorias, léxicos e saberes operativos."

(ÁBALOS, Iñaki. La buena vida, 2001, p. 35)

A partir dessa anamnése de Ábalos a cerca das experimentações de Mies van der Rohe, e do visto sobre as villas de palladio, na renascença, apresentou-se duas fases evolutivas do homem, da sociedade e principalmente da forma de habitar.

[20] NIETZSCHE, F., **Gaia Ciência**, Companhia da Letras, São Paulo, 2001.

Trata-se de momentos que romperam padrões de uma sociedade ao qual estavam sendo submetidas a ideologias ou crenças inquestionáveis até aquele momento. O entendimento desses meios, desses processos como ferramentas que servem para compreender o início desse proposto. Existe uma razão, pela qual se define um método, e esse deve ser seguido como exemplo racional de exteriorização das demandas do habitar?

2ª FASE

Nos dias de hoje...

II - CONTEXTOS ATUAIS

O habitar no contexto atual sofreu mutações provenientes das inquietações que a sociedade apresentou principalmente após a institucionalização da *virtualização*. O indivíduo contemporâneo completo de subjetividades e de questionamentos transgride sua identidade na mesma velocidade dos "*megabites"* computacionais, amparados por apetrechos tecnológicos que nos levam a crer no abandono do espaço "geofísico".

É nesse contexto que abordamos a segunda fase da pesquisa, tal qual buscamos entender o homem contemporâneo, o meio onde esta inserido, as ferramentas que dispõe para compor o espaço onde habita, a fim de se "armar" com essas "ferramentas", na qual nos levarão a propor soluções às residências.

Compreender que a *"virtualização"* e o *"ciberespaço"*, definidos por Paul Virilio e Pierre Lévy, são meios *metafísicos* que estão encravados nas nossas culturas atuais e que deles não poderemos escapar. Porém não a eles culpar a falta de *identidade,* ou negação a sociedade, e sim aos *modismos passageiros* que incessantemente buscamos para estar adequados aos contextos sociais. Ou seja, a "*falsa identidade"* é um questionamento da existência de uma única *"identidade*

verdadeira", conforme apresentado pelo sociólogo Zigmunt Bauman em sua *"modernidade líquida"*. Será a falta de uma crença, o reflexo da pluralidade de soluções, ou a busca por aspectos clássicos que nos retrocedem a um ecletismo caótico nas configurações dos espaços residenciais de hoje?

É essa *supermodernidade* apresentada pela arquiteta e teórica Ludmila Brandão, que acrescenta, em seu texto sobre "*A Casa Subjetiva"*, uma mudança no programa da habitação, no qual, também, faz uma comparação sobre os conceitos de *"armas"* e *"ferramentas"*, que Gilles Deleuze e Félix Guattari propõem no *"Tratado de Nomadologia: A Máquina da Guerra"*, a entender que há uma aptidão intrínseca nessas representações, onde em uma há *"uma potência propulsora à espera de um impulso"*, e na outra, uma ação introjetiva – *"uma matéria à distância para trazê-la a um estado de equilíbrio"*, respectivamente. Ainda nesses contextos de subjetividades aplicados aos lugares e objetos que compõem essa contemporaneidade o conceito de *"não-lugar"*, de Marc Augé, também pode conferir a residência de hoje certas características, que associadas aos excessos de virtualização e globalização definem uma idéia de lugar sem identidade, pois o que presume esse ciberespaço é a ausência do contato interpessoal e territorial.

2.1 - Subjetividade do "Não-Lugar" do Habitar – suas "armas" e "ferramentas"

> *De fato, se estar presente é estar próximo fisicamente falando, apostemos que a proximidade "microfísica " das telecomunicações interativas fará com que amanhã nos ausentemos, não estejamos presentes para ninguém encarcerados em um ambiente "geofísico" reduzido a menos que nada.* [21]
>
> *(Virilio apud BRANDÃO, Ludmila L. (2002) Op. Cit. P: 94)*

[21] Virilo, Paul. **O Espaço Crítico e as Perspectivas do Tempo Real**. Trad. Paulo Roberto Pires. São Paulo, Editora 34, 1993, p. 118.

Interrogações, teorias, buscas por aprofundamentos ao entendimento dos movimentos da *supermodernidade* são abordados no texto *A Casa Subjetiva*, de Ludimila Brandão, onde a autora prescreve sobre a complexidade da subjetividade e o reflexo dessa na sociedade *supermoderna*, como por ela citada, referenciando-se a Marc Augé.

A citação de Virilio é uma tradução do entendimento da sociedade como fenômeno *virtualógico*, também abordado por Pierre Lévy, em *O que é Virtual?*. Necessariamente dependente das mais variadas tecnologias apropriando-se dos espaços, inclusive e *a priori* os transcendentais; uma realidade de "simultaneidade dos espaços no tempo"[22], dos quais não se definem mais por meios físicos que obstruam que tudo permaneça no mesmo espaço.

> *Um movimento geral de virtualização afeta hoje não apenas a informação e a comunicação, mas também os corpos, o funcionamento econômico, os quadros coletivos da sensibilidade ou o exercício da inteligência.* [23]
>
> *(Lévy apud BRANDÃO, Ludimila L. (2002) Op. Cit. P: 94)*

A partir dessas investigações, Brandão questiona até que ponto os movimentos explorados por pesquisadores como os citados são relevantes, e se têm potencialidades para produzir uma transformação no cotidiano doméstico, ou na produção do espaço do habitar.

Para tais entendimentos, analisaremos suas questões, e seus levantamentos das transformações dos espaços domésticos, como por ela comentado que "novas atividades e novas máquinas combinam-se produzindo novos espaços"[24]. A autora aborda no capítulo intitulado *Entre Casas e Nômades*, a importância, nos dias de hoje, da inclusão no espaço doméstico, do espaço de

---

[22] BRANDÃO, Ludmila de Lima. **A Casa subjetiva:** matérias, afectos e espaços domésticos. São Paulo, SP, 1999. 238 p. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1999, p. 94.
[23] Lévy, Piere. **O que é o Virtual?** Trad. Paulo Neves. São Paulo, Editora 34, 1996, p. 11.
[24] *BRANDÃO, Ludmila L. (2002) Op. Cit. P: 94.*

trabalho, e do tipo de trabalho tradicionalmente produzido fora. Também nos revela, o mérito que as (atuais) tecnologias proporcionam ao nível de entretenimento, proporcionando aos usuários da casa, possibilidades que antes (da era virtual) só podiam ser exploradas fora do contexto doméstico: como o uso de home-theater substituindo os cinemas; super tecnológicos aparelhos de vídeo-games, as vezes dos fliperamas; as inter-relações virtuais proporcionadas pelo computadores e seus periféricos, assim como seus dependentes do meio digital, entre outros aparelhos já deveras utilizados (telefones, tocadores de DVD e outros...)

Já é fato que a casa absorveu o espaço do trabalho, seja ela uma simples sala transformada em ateliê do profissional autônomo (cito aqui arquitetos, disgners, estilistas, fotógrafos entre outos...) como uma investigação mais intensa, de uma clínica médica, por exemplo, (oftalmológica, dentsita, ou outras...) que despendem de um programa que por si só é suficientemente complexo. Até que ponto a arquitetura "doméstica" que vem sendo produzida, percebeu essas necessidades, ou absorveu essa demanda, sem repensar estruturalmente seu sistema de projeto?

Abordando o entretenimento e as mais variadas tipologias que pode oferecer ao usuário do espaço, as tecnologias que se dispõem no mercado são suficientes para transformar qualquer tipo de edificação (e aqui a figura da casa tradicional é mais apropriada), em um espaço que *a priori* não compartilha do conceito pré-estabelecido da imagem a ela associada (função), criando um cenário que é mutável de acordo com a necessidade da ocasião.

Essa relação de espaços transeuntes nas suas funções, Marc Augé, aborda como um lugar que não pode ser definido como identitário, relacional e histórico. Desenvolve, então, a idéia do *não-lugar* contemporâneo. Ou seja, os não-lugares são, principalmente, lugares de passagem como os aeroportos, os *shopping-centers,* as estações e os próprios veículos de deslocamento. Lugares que possuem uma mesma identidade, sem identidade, onde não se pode, a uma primeira vista, caracteriza-lo ou diferencia-lo de outro, com mesmo uso, em função das suas semelhanças estéticas.

Porém, Brandão faz questão de identificar que *a equalização de todos os espaços: casa, trabalho e lazer, do ponto de vista do espaço, o que se tem é a indexação de qualquer lugar de qualidades de todos os outros e, do ponto de vista do ser, seu credenciamento para acessá-los ou deslocar-se entre eles.* [25]

Aqui, aborda-se o conceito da *não-presença*, a tal *virtualização*, que Lévy, em seu livro *O que é Virtual?*, explora, juntamente com outras particularidades.

A propriedade de apropriar-se da física do espaço virtual, acessado por um ponto em qualquer lugar do espaço real[26], podendo desfrutar de qualquer outro local real, através do lugar virtual[27], sem se quer estar de corpo presente em determinado ponto do virtual.

É nesse contexto, que Brandão aborda o consumo doméstico de virtualidades e operalização de deslocamentos intensivos mediados por máquinas portáteis, que inspirada nas teorias de Gilles Deleuze e Félix Guatarry, no *"Tratado de Nomadologia: A Máquina da Guerra*[28]*"* busca compreender a utilização de "armas" e "ferramentas" no espaço doméstico, no qual, a pergunta que se constrói é: *estamos tratando com armas ou ferramentas?*[29]

A importância da reflexão de Deleuze e Guatarri das máquinas está no que se referem a disposição associadas as relações intrínsecas as atividades que essas desenvolvem, dissociando-as das atividades que a imagem desses equipamentos podem traduzir, ou seja, a qualificação extrínseca desse objeto.

---

[25] *BRANDÃO, Ludmila L. (2002) Op. Cit. P: 95.*

[26] Utilizando-se de ferramentas e máquinas que proporcionam tal comprometimento, mais especificamente o computador e seu recurso de comunicação no espaço virtual.

[27] Trata-se aqui do *ciberespaço*, definido pelo dicionário Aurélio como: *"dimensão ou domínio virtual da realidade, constituído por entidades e ações puramente informacionais; meio, conceitualmente análogo a um espaço físico, em que seres humanos, máquinas e programas computacionais interagem"*

[28] DELEUZE, Gilles e GUATARRI, Feliz. "1227 – Tratado de Nomadologia: A Máquina de Guerra", em Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia.Vol.5 Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo, Editora 34, 1997.

[29] Brandão, Ludimila L. (2002) p. 97 – observações da autora referenciando-se a Delleuze e Guatarri.

Segundo a distinção, há nas armas uma relação com a projeção, uma potência propulsora à espera de um impulso. As ferramentas, ao contrário, são introjetivas: preparam uma substância à distância para traze-las a um estado equilíbrio.

A abordagem da autora sobre os termos de Deleuze e Guatarri está em compreender as possibilidades que os equipamentos domésticos têm em proporcionar relações de benefícios ou malefícios nas interações sócio-comunicativas.

Até que ponto a inclusão desses aparelhos tecnológicos, inseridos no contexto domésticos, faz referências a uma evolução do sistema de projetar ou repensar o espaço do habitar? A apropriação dessas máquinas pode proporcionar agilidades na comunicação assim como um afastamento imediato do convívio social, no que se trata do contato presencial das relações.

As referências aos telefones, televisores e computadores, apresentadas pela autora, demonstram as conseqüências que essas "ferramentas" proporcionam aos indivíduos, tratando-se das facilidades e comodidades mediadas por um espaço virtual, gerado mediante ao sistema de interligação entre os mesmos.

A esses deslocamentos virtuais, êxodos corporais, propiciados pelas máquinas, que se manifesta a subjetividade da "arma", intrínseca, capaz de promover a *desterritorialização*, apresentada por Pierre Lévy, como uma interpretação da vida nômade às culturas adquiridas pela tecnologia. É o corpo *"que sai de si mesmo, adquire novas velocidades, conquista novos espaços"*[30].

A partir dessa profusão de valores agregados aos equipamentos inseridos e absorvidos pelas residências, pelos indivíduos que se faz a relação de um "não-

[30] LÉVY, Pierre apud BRANDÂO, Ludmila L. (2002)

lugar", caracterizado pela "*desrealização*"[31] meio a "*virtualização",* provocando uma espécie de ausência de identidade, seja ela espacial ou identitária. Uma homogeneização, massificação que caracteriza o produto moderno, capaz de provocar uma crise à invenção, as singularidades do cotidiano.

2.2 - Identidade – conseqüência, crise ou pluralismo?

Como resposta ao apresentado no capitulo anterior, essas crises identitárias, causadas pela massificação da virtualização; um contexto geofísico, capaz de proporcionar ao indivíduo uma homogeneização, abordaremos a interpretação do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, como um reflexo e um questionamento do que é realmente necessário ao homem para estabelecer sua conexão com o mundo atual.

Ao abordado sobre a identidade, quando tratada no ciberespaço, se a mesma *se desintegrará até se tornar apenas um passatempo*[32], meio aos inúmeros sítios de relacionamentos disponíveis na rede mundial de computadores, e a possibilidade de "vestir" uma máscara à identificação pessoal, Bauman questiona se existe uma "identidade verdadeira".

Ele alega ser insensato culpar os recursos eletrônicos, como os grupos de bate-papo da internet pelo estado das coisas. Identifica que é justamente o contrário: *é porque somos incessantemente forçados a torcer e moldar as nossas identidades, sem ser permitido que nos fixemos a uma delas, mesmo querendo, que instrumentos eletrônicos para fazer exatamente isso nos são acessíveis e tendem a ser entusiasticamente adotados por milhões.*[33]

Identifica que a "falsa identidade" está diretamente ligada à busca por modismos passageiros, atribuindo uma representação inexistente de uma

[31] VIRILIO, Paul. **O Espaço Crítico e as Perspectivas do Tempo** Real. Trad. Paulo Roberto Pires. São Paulo, Editora 34, 1995.
[32] Entrevista de Zygmunt Bauman ao jornalista italiano Benedetto Vecchi, tratando da identidade que dá título ao livro. BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman**; trad. Carlos Alberto Medeiros. – Riode Janeiro: Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro – RJ. 2005. p. 96.
[33] Idem.

“identidade verdadeira”. Modismos sempre obrigatórios enquanto estiverem na moda.

Um modismo vinculado ao sistema capitalista, monetário, que na sociedade de consumo, leva ao entendimento das relações humanas associadas a uma posição de uso e consumo, clientes e mercadorias. Uma tradução que caracteriza em uma relação humana descartável, como se fossemos objetos, rapidamente trocados por outro (ser) sucateados como supérfluos.

Há um número crescente de observadores que tratam os amigos ou amizades como “coletes salva-vidas” que fazem uma ligação das relações humanas com o desejo invariável do abandono, como citado por Ray Pahl. A forma de resposta a essa tendência de desrealização do contato humano, propiciada a essa vinculação com a virtualização/desterritorialização abordada por Virilio e Lévy, em que está diretamente ligada ao sentimento do abandono. Oliver James descreve que é o envenenamento por uma *“constante sensação de que faltam outras pessoas em sua vida, com sentimentos de vazio e solidão semelhantes ao de privação”*[34] – o sofrimento de “depressão dependente”, vinculada a exclusão, repudio, descarte, o medo de sermos deixados sozinhos, indefesos e infelizes.

Quando tratado sobre redes no sistema tecnológico da comunicação, observamos as relações pessoais como os “namoros rápidos” ligadas diretamente a essas interações metafísicas das mensagens, sejam em sítios cibernéticos ou dos telefones celulares, constatamos a certeza que esses meios nos trazem de apropriar-se dessas mensagens a fim de validar nossas posições na sociedade. Isso por *sentir falta das redes seguras ligadas ao parentesco, amizade ou irmandade de destino que costumavam oferecer de maneira trivial, com ou sem os nossos esforços*[35].

[34] JAMES, Oliver. “Constant Craving”. In: **Observer Magazine**, 19 jan 2003. p. 71
[35] Idem cit. 31 – p. 100.

Nessa proposição de ligação a um meio virtual, expostos aos contatos facilitados pela tecnologia eletrônica, Bauman afirma que perdemos a habilidade de nos engajar em interações espontâneas com pessoas reais. Estamos escondidos atrás das máscaras (*nicks*, codinomes) nos comunicando com "pessoas virtuais", em lugares virtuais, com relações virtuais que se desmaterializam ao trocar de máscara a fim de assumir uma nova identidade, buscando novas relações.

Bauman conclui sua resposta ao questionamento da desintegração da identidade no ciberespaço e suas reflexões das sociedades virtuais afirmando que *somos nós, os consumidores, que traçamos a linha entre o que é útil e o que é lixo. Tendo produtos de consumo como parceiros, podemos parar de nos preocupar em terminarmos no depósito de lixo.*[36]

[36] Idem – p. 102.

PROBLEMA DA PESQUISA

Por quê?

III - O PROBLEMA

Aonde vai parar?

Nietzsche previu (ou conduziu o "pensamento") as condições atuais da sociedade, em seus ensaios filosóficos do final século XIX, no qual abordou o estudo do homem e a individualidade, presumindo um estado de independência, propondo a idéia de auto-suficiência do indivíduo, a fim de formar uma autoconstrução de sua identidade. Já Bauman, em seus ensaios sobre *modernidade líquida*, aborda as conseqüências da individualização aliadas a identidade do homem, definindo como uma *"depressão dependente",* que trata, a priori, do homem como *clientes* e *mercadoria*. Assim, associa-se, a essa idéia as identidades, *(nós nos identificamos em referência às pessoas com as quais nos relacionamos)* [37], com o padrão de uso/consumo de supérfluos, igualando ao ciclo que inicia na "aquisição" e termina no depósito, ou no "escanteio" das relações.

A interrogação que sintetiza a apresentação do estudo é indagada de forma a tentar embaraçar qualquer tipo de pressuposto que se tenha de imagem estabelecida ao tema, no qual a partir do abordado nas fases apresentadas, encontremos os caminhos que nos conduziram a conceber o produto final da investigação.

---

[37] Compreensão de Bauman, referindo-se ao homem dependente das relações sociais: interações, sociabilidade; fazendo citação que dependemos de outros seres para se manter estáveis como sociedade. Citação em: BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman**; trad. Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro – RJ. 2005. p. 98.

“Aonde vai parar?” é reunião dos preceitos da contemporaneidade, da dúvida, da diferença, da evolução. É o contraposto da razão, no qual essa estabelece critérios de certeza a algo que se tem dúvida.

É evidente que todo o processo de transformação da sociedade, gera alteração no cotidiano e reflete, também, no morar. A proposta que segue não tem a pretensão de encontrar a resposta para banir com todo e qualquer questionamento sobre as certezas e incertezas do que é válido ao espaço do habitar contemporâneo. Busca fazer interpretações do apanhado e apresentado, respondendo e também questionando certos posicionamentos dos citados na pesquisa.

3ª FASE

É assim que vejo...

IV - PROPOSTA DE TRABALHO

A proposta de trabalho é desenvolver um projeto arquitetônico de uma residência unifamiliar, na cidade de Igrejinha, implantada além dos limites urbanos, na zona rural do município, a fim de restabelecer uma conexão com a natureza e resgatar a sociabilidade do indivíduo, através do contato pessoal. Também o de questionar sobre o morar na contemporaneidade.

A intenção de se investigar a residência contemporânea parte do pressuposto de se contestar a atual situação do que nos é apresentado, visto essa crise identitária ao qual estamos expostos, na variação aceleradíssima dos modismos impostos pelas sociedades do consumo. Talvez as aparições dos gêneros históricos da arquitetura clássica, nos empreendimentos imobiliários atuais, seja uma forma de encontrarmos segurança em um estereotipo que transmita poder, controle, estabilidade. Não sabemos!

A profusão de miscelâneas configurações que determinam o enclaustro do habitar, é conseqüência, não somente da evolução da tecnologia, que nos faz parecer estar sempre atrasados ao tempo, mas também do medo, que ronda em meio a crescente criminalidade, tornando-nos reféns, presos em nossas próprias

residências (muros, grades, cercas elétricas, vigilância vinte e quatro horas, etc.). Seria esse contexto da criminalidade, do indivíduo cercado em seu lugar do habitar, um sinônimo do apresentado por Ábalos, referente aos projetos de Mies van der Rohe, às casas-pátio? Ou reflexo da enchente tecnológica e virtual apresentada por Brandão, que nos faz crer que em função da virtualização e desterritorialização do espaço, ao qual, bastamos estar conectados a essa rede no ciberespaço para termos acesso a tudo o que nos é necessário para sobrevivência?

Foto 02: Condomínios fechados – muros e cercas.
Fonte: http://urbanidades.arq.br/imagens/2007/Condomniosfechados_FC3C/cg_condominios_2007_julho_02.jpg – acessado em 26/08/2008.

Fotos 03 e 04: Fotos do espaço cinema e fitness center de um empreendimento imobiliário
Fonte: www.rossiresidencial.com.br – acessado em 21/08/2008.

A intenção primeira da proposta é configurar no espaço do habitar situações que promovam a interação interpessoal, restituindo a família como base sólida, capaz de favorecer o diálogo e apresentar-se como uma rede segura, verdadeira no sentido da intimidade, do contato com outro homem.

Talvez abdicar das tecnologias, por pressupor que as mesmas são "armas" que visam aniquilar o contato presencial entre os seres humanos não reflita a verdadeira leitura da contemporaneidade, das reflexões as quais essa "ferramenta" é capaz de proporcionar. Apoderando-se das relações introceptivas dessas máquinas, podemos transformá-las em aliadas às relações pessoais, uma vez que pré-estabelecido seu uso, delimitando sua atuação, no qual somos nós consumidores dessas tecnologias que atribuímos a elas as atividades que podem proporcionar.

Certo das necessidades de preestabelecer esse contato humano das relações, vimos à necessidade de criar um espaço isolado do contexto urbano, não por achar que esse não configure um meio de inserção apropriado a proposta. Mas por entender que o retorno à natureza, o contato com a forma isolada do habitar, conforme apresentado nas análises das villas de campo de Palladio, pode caracterizar um estado de conforto aos indivíduos que buscam o retorno das relações humanas. O conforto doméstico apresentado por Witold Rybczynski, na sua *"Teoria da Cebola do Conforto"*[38], uma explicação que envolve uma gama de atributos – conveniência, eficiência, lazer, bem-estar, prazer, domesticidade, intimidade e privacidade, expostos sobre as evoluções de cada um desses símbolos, porém sem substituir as noções fundamentais de todas as camadas dessas evoluções. Como ele mesmo concluiu: *precisamos redescobrir por nós mesmos o mistério do conforto, pois, sem ele, as nossas casas realmente serão máquinas em vez de lares.*[39]

A esse refúgio que buscamos implantar o projeto em meio à natureza, isolado da urbe, Gustau Galfetti compara com a cabana de Adão[40], no Paraíso, como uma busca de possíveis materializações pessoais do Paraíso na terra, uma tentativa de se aproximar da maneira "divina" de encarar o conforto.

---

[38] Teoria no qual Rubcsynski atribui o entendimneto e a compreensão das evoluções tecnológicas de todos os atributos associados ao bem estar doméstico. RYBCSYNKI, Witold. **Casa: pequena história de uma idéia**; trad. Betina von Staa. Rio de Janeiro, RJ. Ed. Recordo, 1996. p. 236.
[39] Idem.
[40] GALFETTI, Gustau G. **Casas refugio**. 4. ed. Barcelona, España: Gustavo Gili, 1999. p. 16.

Tendo visto as apresentações históricas e contemporâneas sobre os indivíduos, os espaços que esses produziram para o habitar, e as reflexões abordadas na pequisa, a pretensão do trabalho está, conforme tratado por Ábalos, em referência ao processo de projeto de Mies van der Rohe, de descobrimos a forma de conceber um programa completo do habitar, quase como um método de projeto com o que, partindo de um "novo" sujeito, pode-se construir um sistema.

4.1 - A família

O entendimento desse "novo sujeito" que é o objeto de análise, configura-se, portanto, como o cliente da residência, a fim de adotar complexidade e realidade embasada na cultura, tradição, angústias, desejos – características próprias que vão necessitar suprir suas demandas do morar contemporâneo.

À proposta, adotamos uma família verídica, composta por uma seqüência de gerações, onde o casal, um senhor na faixa entre 55 a 60 anos e sua esposa, entre 50 a 55 anos, é o genitor dessa composição, com uma sucessão de filhos e neto. A essa família, os filhos desenvolvem um papel chave ao desenvolvimento da proposta, pois, apesar de estarem ligados diretamente aos genitores, já constituem suas próprias famílias. São três homens, o mais velho com idade aproximada de 35 anos, casado com uma mulher de mesma faixa etária. O segundo filho, na faixa dos 30 anos, casado com uma mulher, também da mesma faixa de idade, já é pai, de um menino de 7 anos, o primeiro neto dessa família. Tem suas particularidades, pois já possui aptidão para com a tecnologia, entusiasmado a descobrir os "limites" do ciberespaço, mas sempre sobre supervisão de todos. E por último, o terceiro filho, no final da adolescência, ingresso na faculdade. Tem sua vida praticamente independente, se não fosse o fato de viver na residência dos pais até então. Um jovem contemporâneo, que tem suas relações afetivas associadas ao descobrimento do prazer, sem vinculações íntimas ou seguras de uma continuidade amorosa. Porém, apesar dessa liberdade de comportamento nas suas relações pessoais, existe um respeito aos pais, pois esses não deixam extrapolar o limite que a eles é entendido como respeito ao próximo.

É no contexto dessa família, já decomposta pelas amarrações que os filhos tiveram compondo suas próprias famílias, é que reside o caráter fundamental da proposta. Apesar dessa separação dos laços diretos com os pais, existe uma preocupação geral, que os vinculam, partida principalmente daqueles que geraram essa família: de manter o contato pessoal. Almoços, jantas, aniversários, festas, todas as comemorações e também os momentos possíveis (finais de semana), procuram estar juntos, conversando, trocando experiências, compartilhando suas vivências.

4.2 - O local de inserção

Como já mencionado, a proposta terá sua inserção isolada do contexto urbano, inserida em meio à natureza, mantendo relações de respeito com o local, porém identificando que existe a ação do homem, sem querer imitar a natureza.

A região identificada como Serra Grande, no município de Igrejinha, é o local escolhido para o desenvolvimento da proposta, por estar rodeado por uma mata nativa, densa, afastada aproximadamente 7 quilômetros, da zona urbana. Essa condição a qualifica como especial, pois o cuidado de intervenção na mata protegida por lei é primordial.

O município de Igrejinha está localizado a 82 quilômetros da capital do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. A principal via de acesso à cidade é a RS 115, servindo de ligação entre os municípios de Taquara e Gramado, embora também seja atendida pela RS-020, fazendo ligação a capital via o município de Gravataí. Tem uma população de 31.113 mil habitantes[41], servido pelas águas do Rio Paranhama. Tem na indústria calçadista o principal setor financeiro de renda, acompanhado do comércio e serviço local. Também consta com uma zona rural bastante ampla, gerida de uma agricultura satisfatória, mas que gera baixa rende financeira ao município.

[41] Fonte: IBGE, 2007.

Figura 01: Mapa de localização do Município de Igrejinha, RS – Brasil.
Fonte: www.agrolatina.com.br, acesso em 24/08/2008. **Edição:** Autor, 2008.

Figura 02: Mapa d sistema viário de das rodovias.
Fonte: www.oktoberfest.org.br, acesso em 24/08/2008.

Localizada na Encosta Inferior do Nordeste, no Rio Grande do Sul, faz divisa com Três Coroas (ao norte), Taquara (a sudeste), Parobé (ao sul), Nova Hartz (a sudoeste) e Santa Maria do Herval (a oeste).

O local do projeto conta com equipamentos urbanos próximos, de nível turístico, pois é nesse conjunto de serra, identificado como Serra Grande, que estão localizados o Monte da Fé e o Morro Alto da Pedra (Vôo Livre). O primeiro, como um marco religioso da comunidade, caminho de peregrinação dos fiéis. O segundo, como um centro de lazer e entretenimento, ao qual é utilizado para vôos de asa-delta e outros esportes considerados radicais.

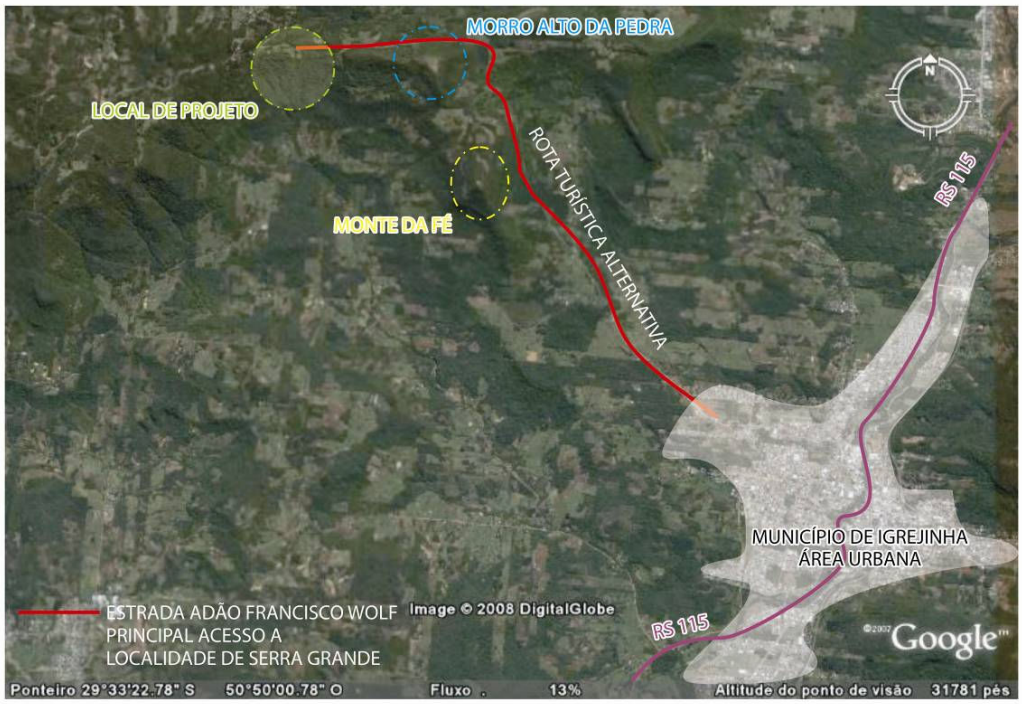


Imagem 03: Imagem com identificação do local de projeto, e os caminhos que levam até o mesmo.
Fonte: Google Earth, acesso em 24/08/2008 –**Edição:** Autor 2008.

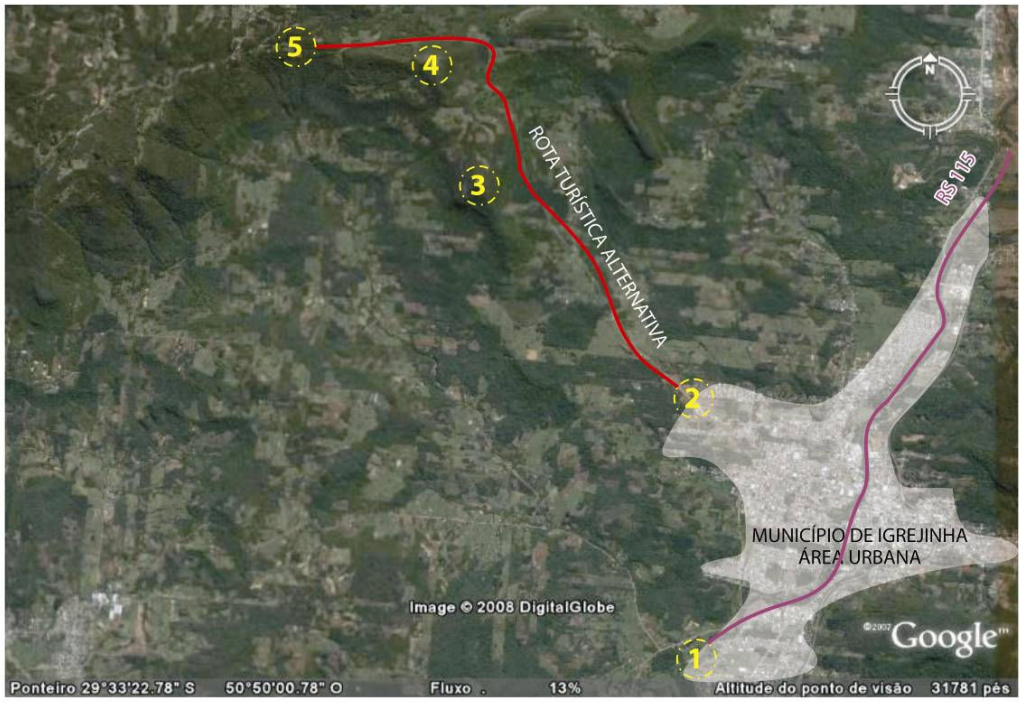


Imagem 04: Vista superior do Município de Igreinha – **Edição:** Autor, 2008.
Fonte: Google Earth – acesso em 24/08/2008

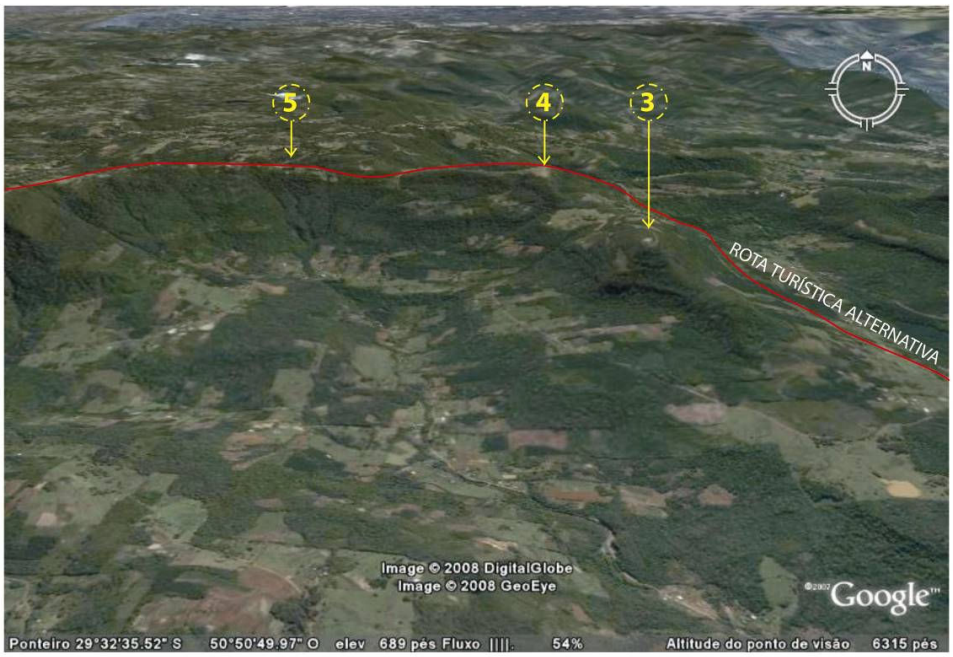


Imagem 05: Vista perspectivada com elevações, do Município de Igreinha – **Edição:** Autor, 2008. **Fonte:** Google Earth – acesso em 24/08/2008

Foto 05: 1 – Pórtico de acesso município de Igrejinha – via RS 115. **Fonte:** Autor/2008

Foto 06: 2 – Estrada Adão Francisco Wolf – acesso rota turística alternativa. **Fonte:** Autor/2008

Foto 07: 3 – Monte daFé, mais conhecido como Morro da Cruz.
Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Morro-da-cruz03-igrejinha.jpg

Foto 08: 4 – Morro Alto da Pedra – utilizado para decolagens de Asa-delta e Parapente (Vôo Livre) – vista a partir do Monte da Fé.
Fonte: Autor/2008

A seqüência de fotos acima, tem como objetivo a identificação das legendas das imagens anteriores.

O clima do município é identificado como subtropical com as estações do ano bem definidas em seus períodos. Consta com uma temperatura anual média de 21ºC, o que é considerado por alguns pesquisadores, como uma temperatura de conforto ao homem, e ventos dominantes a sudestes.

O lote, com dimensões escrituradas em 230 metros a norte/sul, por 310 metros a leste/oeste, totalizando uma área de 7,13 hectares tem sua topografia bastante acidentada fazendo parte de uma composição geológica do Vale do Paranhama. Essa complexidade topográfica pode ser encarada como um determinante ao lançamento do projeto.

Imagem 06: Imagem com identificação do local de projeto, e os caminhos que levam até o mesmo.
Fonte: Google Earth, acesso em 24/08/2008 –**Edição:** Autor 2008.

Por estar afastado do contexto urbano, localizado na zona rural do município, o fluxo viário é de pouca movimentação veicular, tendo apenas uma

estrada de chão batido (ensaibrada), em um bom estado de conservação, nomeada de Estrada Adão Francisco Wolf, identificada pela prefeitura como uma *Rota Turística Alternativa*.

É servido de água potável, infra-estrutura de energia elétrica, e conta com um sistema de recolhimento de esgoto juntamente com o pluvial. De acordo com o Plano Diretor do município, é necessário que o esgoto sanitário seja tratado no próprio lote, através de um sistema de fossa e filtro anaeróbico.

O levantamento fotográfico a seguir, ilustra a complexidade topográfica do lote, assim como a vegetação nativa e também a vegetação plantada pelos proprietários para consumo próprio. São arbustos de pomar, com frutas diversificadas (uva, pêssego, bergamota, maçã, pêra, etc..); pequenas plantações de vegetais, para saladas que são cultivados sem agrotóxicos, ainda conta com uma estrutura de criação de galinhas, para produção de ovos e saboreio da carne também.

Foto 09: Vista do interior do lote em direção ao portão de acesso. Caminho que levará ao local de implantação da proposta.
Fonte: Autor, 2008.

Foto 10: Vista do portão de acesso identificando o caminho que levará ao local de implantação da proposta.
Fonte: Autor, 2008.

Foto 11: Vista, seqüência do caminho da implantação da proposta. Esse caminho conduz o usuário do espaço a entender a complexidade da topografia. É o mesmo que identifica o limite entre o espaço que pode ser aproveitado ao projeto e a mata nativa existente no morro (ao fundo, na foto)
Fonte: Autor, 2008.

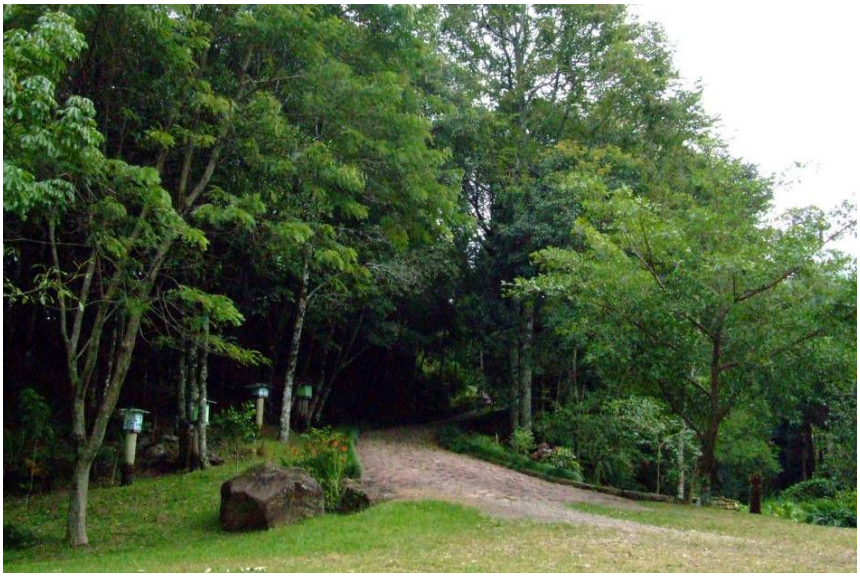


Foto 12: Continuação do caminho.
Fonte: Autor, 2008.

Foto 13: Seqüência do caminho já identificando o local de inserção, onde hoje existe uma edificação utilizada pelos proprietários (falarei mais adiante sobre essa edificação).
Fonte: Autor, 2008.

Foto 14: Finalização do caminho chegando no local de implantação da proposta.
Fonte: Autor, 2008.

Foto 15: O local de implantação da proposta, com as visuais de cima do morro.
Fonte: Autor, 2008.

Foto 16: O muro de pedra basalto ilustrado na foto, é o limite geológico (topografia e vegetação) entre o espaço livre para implantação e a mata nativa. É também um limitador em função da grande inclinação do terreno, que de acordo com o levantamento topográfico é apresentado com 90% de inclinação.
Fonte: Autor, 2008.

1. MORRO ALTO DA PEDRA
2. MONTE DA FÉ
3. MUNICÍPIO DE IGREJINHA
4. MUNICÍPIO DE TAQUARA
5. MUNICÍPIO DE PAROBÉ

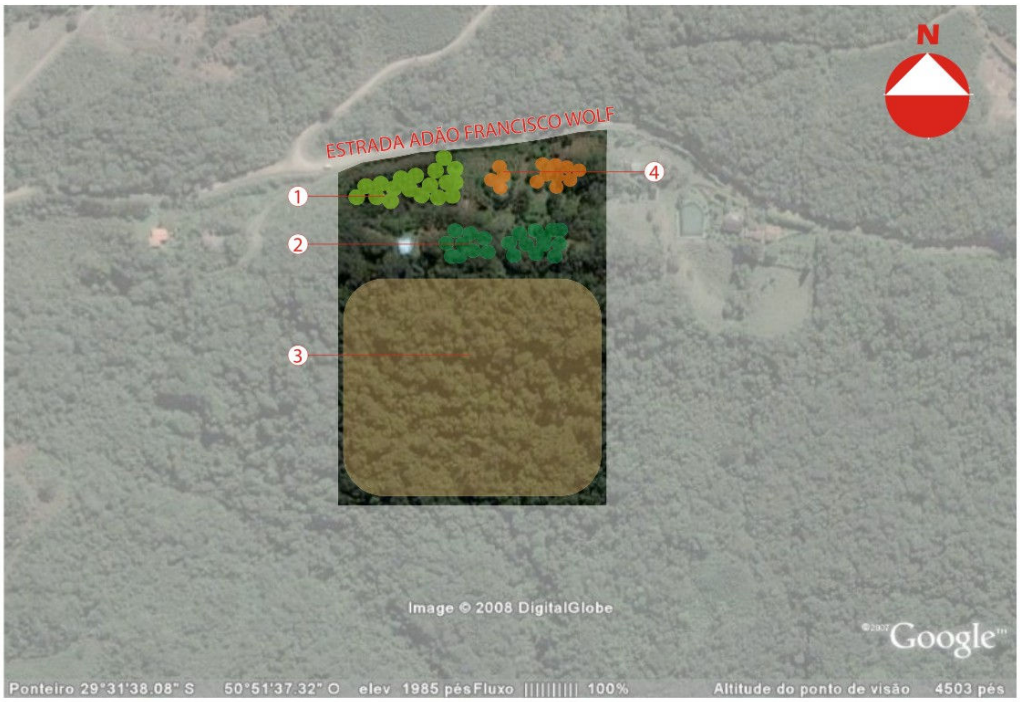
Foto 17: Vista panorâmica da paisagem tendo como posição do observador, o muro limite entre espaço livre e mata nativa.
Fonte: Autor, 2008.

A edificação que vimos em uma das fotos anteriores é utilizada hoje pela família. Uma residência – já reformada – conta com: 2 dormitórios, sala de estar, jantar, cozinha e sanitário. Sua estrutura é de alvenaria de tijolos cerâmicos, com esquadrias em madeira, piso cerâmico e cobertura com estrutura de madeira e telha de fibrocimento. Aparentemente está em bom estado de conservação, porém está sendo considerado, na proposta, a demolição da mesma, pois o espaço disponível para o lançamento da proposta é limitado, visto a mata e a topografia, e a sua configuração topológica está inserida em um retângulo com os ambientes distribuídos nesse limite. Também é considerada[42] de pouco valor arquitetônico, pois não há um projeto aprovado, e o relato dos proprietários é de que fora construída sem um profissional responsável. Os proprietários identificaram falta de espaço para utilização por toda a família, o que implica em um uso escasso ou fragmentado na ação de todos.

Foto 18: Edificação existente.
Fonte: Autor, 2008.

[42] À atribuição do valor arquitetônico da residência foram levadas em considerações as recomendações da **Carta de Veneza**, sobre preservação de patrimônio.

Como já mencionado, a vegetação é um delimitador ao lançamento do projeto, pois é considerada de preservação ambiental, visto a diversidade de plantas e vegetações nativas que se encontram na encosta do morro. Algumas espécimes de árvores e plantas são de floresta amazônica, conforme identificado no plano diretor do município (a região da Serra Grande). É também morada de animais nativos, como exemplos: macacos – bugio.



1. Plantação de Pinheiro Araucária (preservação)
2. Diversidade de vegetação de pequeno e grande porte (preservação)
3. Mata Nativa da encosta do morro – Floresta Amazônica (preservação)
4. Área de plantio dos proprietários – pomar, horta, cativeiro de galinhas, etc.

Imagem 07: O muro de pedra basalto ilustrado na foto, é o limite geológico (topografia e vegetação) entre o espaço livre para implantação e a mata nativa. É também um limitador em função da grande inclinação do terreno, que de acordo com o levantamento topográfico é apresentado com 90% de inclinação.
Fonte: Autor, 2008.

A imagem anterior identifica quais os tipos de vegetação estão presentes no lote e suas distribuições. Nota-se que a mata nativa da encosta ocupa grande parte do solo.

Foto 19 e 20: As fotos acima identificam a área marcada na imagem de cobertura vegetal da plantação de pinheiro araucária.
Fonte: Autor, 2008.

Foto 21, 22 e 23: A diversidade de árvores e arbustos (floridos) identificado como região 2 na imagem de cobertura vegetal.
Fonte: Autor, 2008.

Foto 24: Espaço dedicado a plantação de árvores frutíferas e lazer (quadra de grama de futebol/vôlei); em volta a diversidade de plantas frutíferas.
Fonte: Autor, 2008.

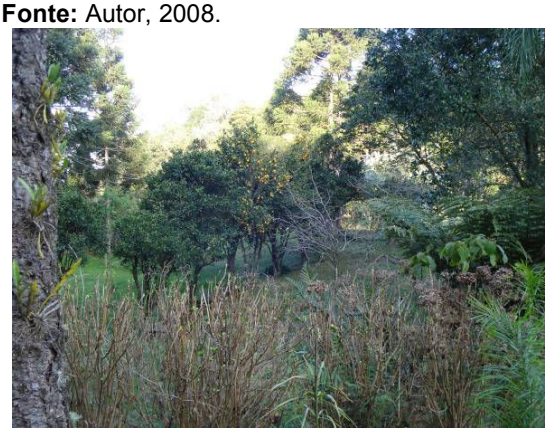


Foto 25 e 26: Mais alguns exemplares de espécies frutíferas e um parreiral.
Fonte: Autor, 2008.

A seguir, uma imagem para exemplificar a insolação do lote e as características dos ventos predominantes. É importante fazer uma ressalva referente aos ventos dominantes, pois presencialmente, a intensidade do vento é sentida com maior força, em função da altitude do lote (situado no topo do morro), onde as correntes de vento são mais intensas.

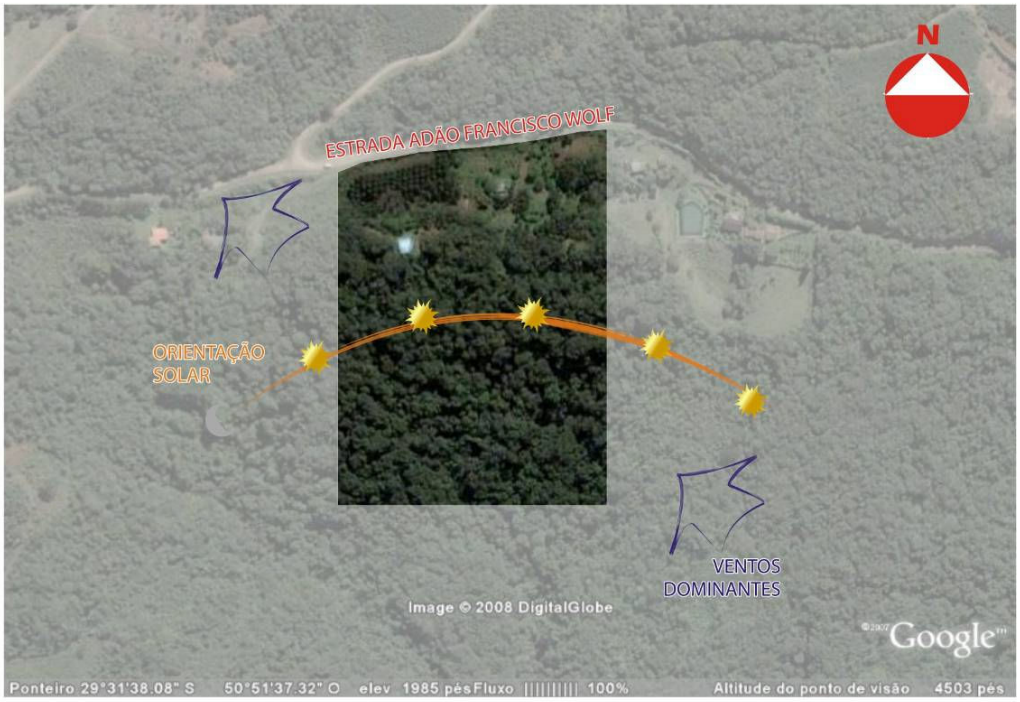


Imagem 08: Imagem com demonstração de insolação e ventos predominantes.
Fonte: Autor, 2008.

A vista observada na panorâmica apresentada páginas atrás tem sua orientação ao sul, com incidência solar direta, no início das manhãs e final das tardes durante o período de primavera/verão. No decorrer do dia e das estações é tomada de sombra, proporcionadas pelas árvores que rondam o espaço aberto. Associada a orientação leste, pode configurar espaços de descanso (dormitórios) com visuais das paisagens bem interessantes. A proteção contra intempéries (ventos e chuvas) deve ser prevista independente do uso que for aplicado ao ambiente.

4.3 - Levantamento Planialtimétrico

Tomada a decisão do espaço onde implantar o projeto, visto a imensidão do lote e seus delimitadores (topografia e vegetação), tomamos mão de equipamentos para a realização do levantamento planialtimétrico, efetuado com auxílio de um topógrafo contratado para a etapa, a fim de ter precisão quanto aos desníveis impostos pela área. Com o uso de maquinário específico (nível de precisão e um gps de mão) foram levantados alguns pontos escolhidos de acordo com a intenção do autor. Utilizando software de computação gráfica foi elaborado o arquivo digital do lote, conforme anexo, para poder utilizá-lo ao desenvolvimento do projeto.

Foto 27: Realização do levantamento planialtimétrico – equipamento: nível de precisão utilizado para conferência dos desníveis do lote.
Fonte: Autor, 2008.

Foto 28: Autor e topógrafo realizando o levantamento planialtimétrico.
Fonte: Autor, 2008.

Apresentado o lote e as suas condições, sejam topográficas, de preservação ambiental e espaços livres ao desenvolvimento do projeto, cabe agora descrevemos as intenções de projeto, nos sentidos mais amplos que o tema pode abordar.

4.4 - Analogias - Referências

A residência, espaço do morar, sofreu e ainda sofre alterações ao longo dos tempos, como visto na 1ª fase da pesquisa, retomando do período Renascentista ao tempos modernistas de Mies van der Rohe, no início do séc. XX. Ou até mesmo o apresentado por Ludmila Brandão sobre a inclusão do espaço de trabalho e das tecnologias *virtuo-cibernéticas* associadas ao habitar. É recorrida a investigação por parte dos arquitetos de procurar estabelecer critérios de conforto ao entendimento de uma época para os ocupantes da morada.

Não se trata aqui de se fazer uma *collage*[43] do resgate histórico aplicado ao longo da evolução do uso dos espaços, porventura, nem a inventividade de soluções priorísticas estabelecidas pelo autor, embasado na sua cultura ou experiências. Trata-se de compreender o indivíduo e a sociedade contemporânea e à ela proporcionar um espaço que julgamos necessário aos dias de hoje, tendo como fator decisivo nessa proposição, a busca pela felicidade do ser humano, associada a um espaço que organize suas instâncias mais subjetivas de conforto.

> *"Uma casa deve ser como uma alma aberta às coisas da vida e não uma casa-caverna, uma furna de onça. Mais do que tudo, a casa deve ser uma entidade espiritual e moral, sem oferece aparência cenográfica teatral."*[44]
>
> *Bo Bardi, apud CALDEIRA, Vasco (2005)*

A citação de Lina Bo Bardi, acima, traduz com simplicidade o espírito que deve[45] ser desenvolvido o projeto de residências nessa contemporaneidade metamórfica. Isso, em função das diversas alterações de identidades que sofremos ao longo dos anos, quando buscamos compreender o homem e seu estado de

---

[43] Termo utilizado por Xavier Monteys, no livro *Casa collage: um ensayo sobre la arquitetctura de la casa*, no qual faz menção ao uso de da técnica de *collage* para entender a evolução dos espaços, como configuraram suas demandas e uma crítica ao desenvolvimento do projeto de residências nos dias de hoje. Um apanhado de definições a respeito dos espaços das casas e como utiliá-los.

[44] Citação em ensaio de Vasco Caldeira – Casa Brasilis. In.: FANUCCI, Francisco, FERRAZ, Marcelo. **Brasil Arquitetura** / apresentação João da Gama Filgueiras Lima, Max Risselada; ensaios e análise de projetos: Cecília Rodrigues dos Santos, Vasco Caldeira. Depoimentos e comentários dos autores. São Paulo, SP. Ed. Cosac Naify, 2005

[45] Quando atribuído à idéia de **dever** no sentido da frase, aqui faz implicações sobre a posição do autor dessa pesquisa frente ao que o mesmo pensa quando do desenvolvimento de projetos de qualquer tipologia.

espírito para as situações em que se encontram de acordo com as variações dos fatos.

A compreensão dos espaços está na busca constante de soluções dos nossos tempos àquilo que identificamos com o habitar. Referenciais tratados aqui, buscam estabelecer conexões entre o pesquisado e o desejado, sejam pelas características sistêmicas dos projetos, ou, pela simpática apreciação formal, ou técnico-construtiva, ao qual pretendemos tirar partido.

4.4.1 - Casa 108 - H Arquitectes

Construção: **Santa Cristina d'Aro, Província de Girona, Espanha.**

Autor: **H Arquitectes - David Lorente, Josep Ricart, Xavier Ros, Roger Tudó -** www.harquitectes.com

Ano de realização: **2002-05**

Área construída: **109 m²**

Fotografias: **STARP estudio**

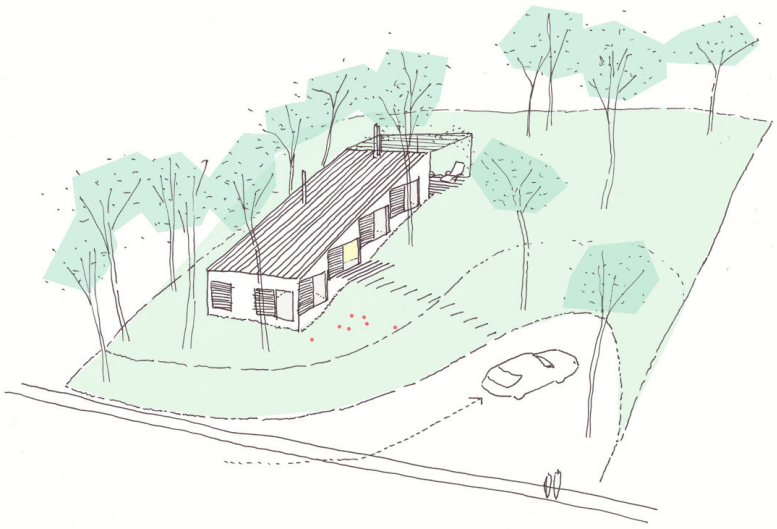


Imagem 09: Croqui do projeto.
Fonte: www.harquitectes.com – acessado em 03/08/2008.

A residência em estudo demonstra a adequação do projeto à topografia do lote, resultante da intenção primeira de projeto, de respeitar a natureza onde inserida, interferindo-a o mínimo possível. A solução dota de tecnologias que captam a energia solar (piso m concreto polido, que capta e irradia energia), utilizando-a no interior para aquecer em épocas de frio. Com paredes duplas, que proporcionam um melhor isolamento térmico dos verões do mediterrâneo, servem de "abrigo" ao conjunto de esquadrias que se deslizam ao interior, proporcionando assim abertura total dos vão, permitindo o contato direto de todos os ambientes com a natureza a sua volta.

A solução adotada de uma edificação em linha configura uma topologia de planta que proporciona a integração dos ambientes, demarcados por níveis, de acordo com a topografia, que interagem entre si.

Foto 29: Adequação da volumetria ao lote.
Fonte: www.harquitectes.com – acessado em 03/08/2008.

Foto 30: Geometria do volume - puro.
Fonte: www.harquitectes.com – acessado em 03/08/2008.

Imagem 10: Croqui da solução espacial interna.
Fonte: www.harquitectes.com – acessado em 03/08/2008.

Foto 31: Vista do interior da edificação – importante é perceber a integração dos espaços entre os extremos da edificação.
Fonte: www.harquitectes.com – acessado em 03/08/2008.

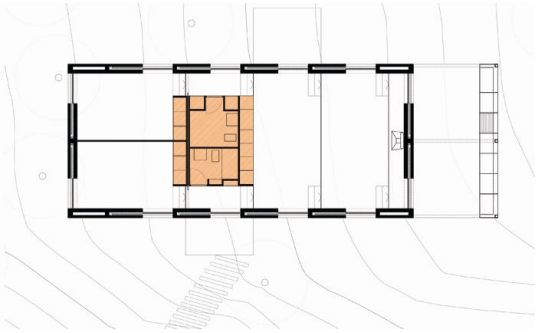


Imagem 11: Planta baixa, sem escala. A clareza de solução dos ambientes.
Fonte: www.harquitectes.com – acessado em 03/08/2008.

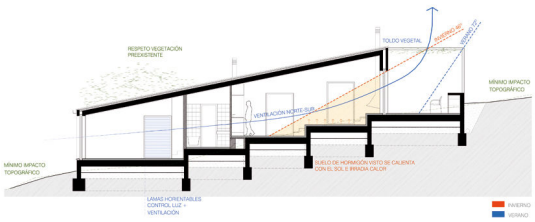


Imagem 12: Corte, sem escala, identificando os níveis internos em função da topografia e a utilização de recursos naturais (ventos e insolação).
Fonte: www.harquitectes.com – acessado em 03/08/2008.

4.4.2 - Casa Lago Pirihueico – Alejandro Aravena

Construção: **Lago Pirehueico, 800 km ao sul de Santiago, Chile.**

Autor: **Alejandro Aravena, Jorge Christie, Victor Oddó**

Ano de projeto/realização: **2003/2004**

Área construída: **350 m²**

Fotografias: **Cristóbal Palma**

Foto 32: Vista de uma das fachadas da edificação, mostrando a complexidade da solução geométrica/espacial do volume.
Fonte: www.plataformaarquitectura.cl – acessado em 03/08/2008.

A proposta adotada por Aravena para essa residência de inverno e verão, no Chile, configura-se por uma solução plástica de apelo justificável. A intenção do cliente, quando da solicitação do projeto, era de usufruir, a partir do interior da edificação, as visuais que o lote proporciona (lago – ao norte; parque – ao sul; outros pontos específicos – a leste e oeste).

Tomando posse dessas informações, o arquiteto lança uma barra, de pedra vulcânica (revestimento com material local), como embasamento da edificação, onde estão configurados ambientes de dormitórios – que necessitam segurança, pela casa passar a maior parte do tempo fechada. A cima dessa barra, lança os espaços comuns e sociais, que se abrem como molduras a paisagem local.

A utilização de materiais locais, como as pedras vulcânicas que revestem a base e a madeira extraída das árvores que foram derrubadas para criação da edificação, é uma singela harmonia da ação do homem na natureza, que faz resgate e integração com a história do lugar.

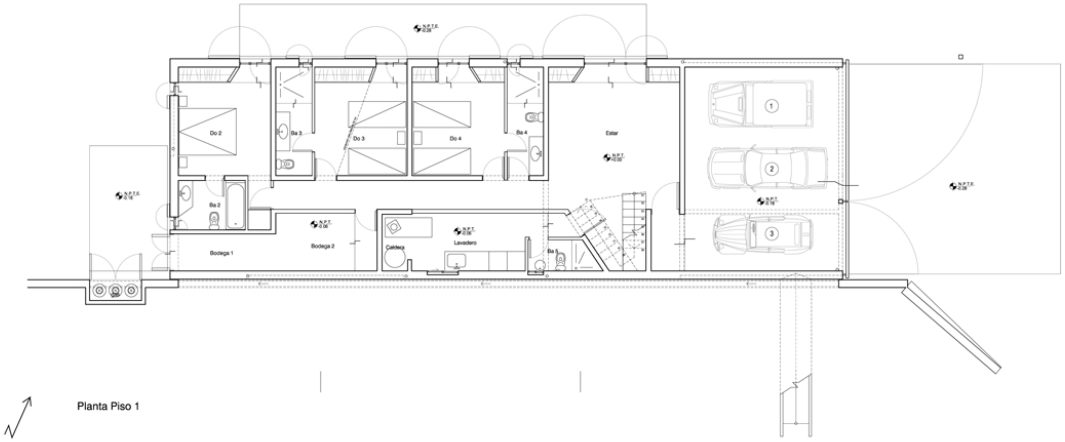


Imagem 13: Planta baixa – pavimento térreo – configuração dos dormitórios, garagem e um estar íntimo.
Fonte: www.plataformaarquitectura.cl – acessado em 03/08/2008.

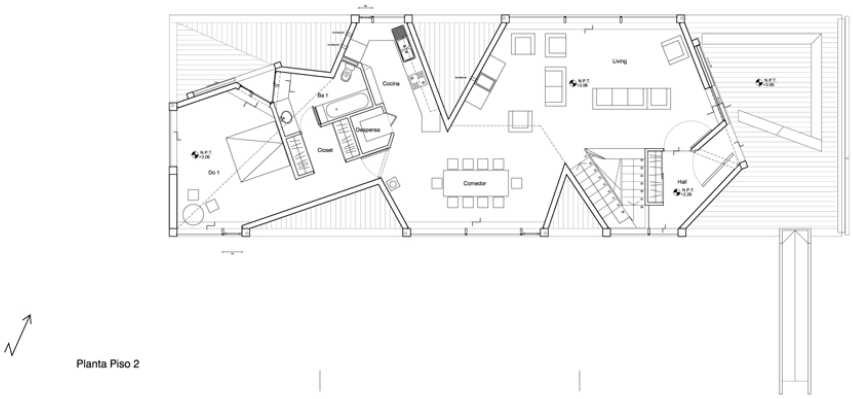


Imagem 14: Planta baixa – pavimento superior – os espaços internos estão direcionados às visuais exigidas pelo cliente. Justificativa do arquiteto à complexidade da geometria da planta.
Fonte: www.plataformaarquitectura.cl – acessado em 03/08/2008.

Foto 33: Vista do interior da residência ao parque.
Fonte: www.plataformaarquitectura.cl – acessado em 03/08/2008.

Foto 34: Vista noturna da edificação.
Fonte: www.plataformaarquitectura.cl – acessado em 03/08/2008.

Foto 35: Visual da geometria formal.
Fonte: www.plataformaarquitectura.cl – acessado em 03/08/2008.

4.4.3 - Casa em La Rozas, Madrid – Abalos & Herreros

Construção: **La Rozas - Guadarrama, Madrid.**

Autor: **Abalos&Herreros**

Ano de projeto/realização: **2001/ 2007**

Área construída: **320 m²**

Fotografias: **José Hevia**

Foto 36: O prisma puro da edificação e um sistema modular de esquadrias. Texturas dos materiais.
Fonte: www.plataformaarquitectura.cl – acessado em 03/08/2008.

Projeto de Ábalos e Herrero à uma edificação compacta como produto final, porém uma investigação complexa, na tentativa de encaiar três volumes de diferentes proporções em uma forma única. O vazio das aberturas é o elemento que segue a modulação adotada e se repete em todos os espaços, configurando uma linguagem comum ao conjunto de blocos que se unem. Um sistema construtivo com estrutura e fechamento (alvenarias) de aço. Pisos de cimento e madeira, criam uma atmosfera ambígua, entre o edificado e o natural, nas relações entre os jardins e a edificação.

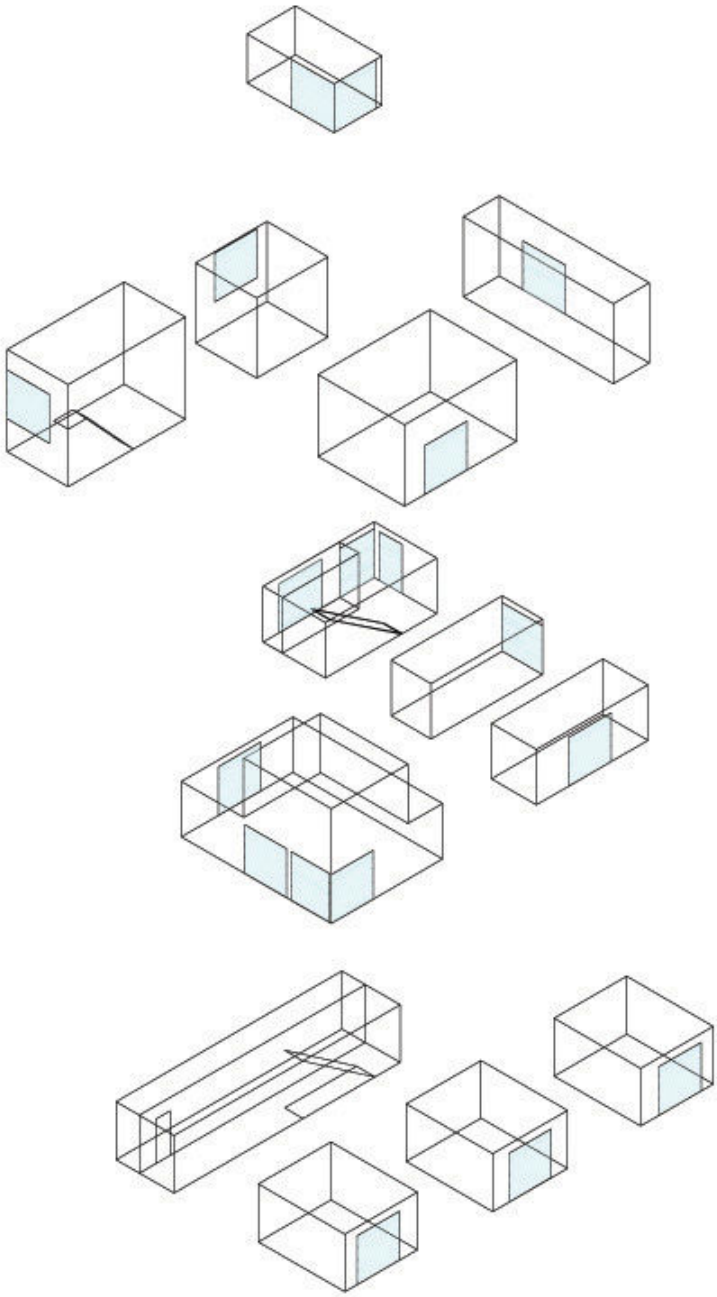


Imagem 15: Esquema dos espaços + volumes que configuram o todo da obra.
Fonte: www.plataformaarquitectura.cl – acessado em 03/08/2008.

Foto 37: Vista do local de implantação.
Fonte: www.plataformaarquitectura.cl – acessado em 03/08/2008.

Foto 38: Contraste dos materiais.
Fonte: www.plataformaarquitectura.cl – acessado em 03/08/2008.

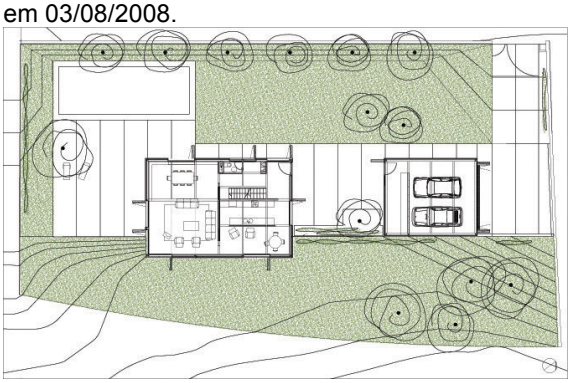


Imagem 16: Planta baixa – pavimento térreo.
Fonte: www.plataformaarquitectura.cl – acessado em 03/08/2008.

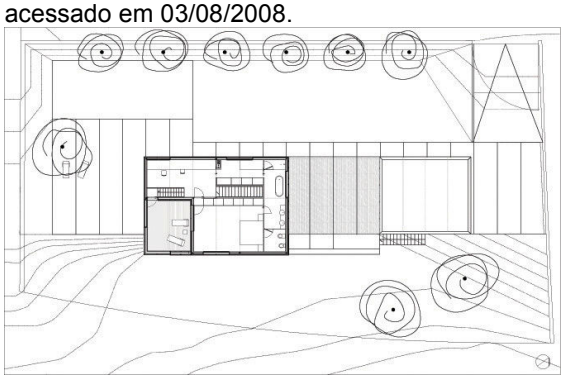


Imagem 17: Planta baixa – pavimento superior.
Fonte: www.plataformaarquitectura.cl – acessado em 03/08/2008.

Foto 39: Interior – Sala + Janta + Escritório.
Fonte: www.plataformaarquitectura.cl – acessado em 03/08/2008.

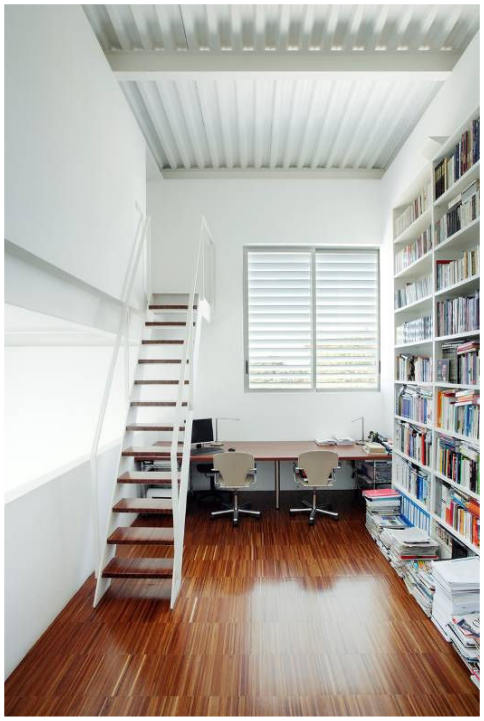


Foto 40 : Espaço do escritório.
Fonte: www.plataformaarquitectura.cl – acessado em 03/08/2008.

4.4.4 - Casa J2 – 3LHD Architects

Construção: **Zagreb, Croácia**

Autor: **3HLD - Saša Begović, Marko Dabrović, Silvije Novak, Tatjana Grozdanić Begović, Irena Mažer, Marin Mikelić**

Ano de projeto/realização: **2004/2007**

Área construída: **396,00 m²**

Foto 41: Edificação separa através de forma e materiais seus distintos usos e ocupações.
Fonte: http://studio3lhd.hr – acessado em 23/08/2008

Edificada no setor residencial verde da cidade de Zagreb, esta residência pensada para uma família com filhos tira partido do entorno e das condições do local como diretriz projetual. O terreno onde está inserida é cercado por uma rua e um edifício alto, elementos estes que definiram o conceito de projeto e sua forma de implantação.

Implantada em forma de "L", a edificação dá as costas para a rua, protegendo assim o seu interior dos ruídos vindos dos espaços públicos e vizinhos; e criando uma espécie de pátio interno, para o qual todos os ambientes da residência estão orientados.

Da mesma forma que os arquitetos da 3HLD distribuíram os ambientes em níveis distintos, conforme sua ocupação – térreo com sala, copa e cozinha integrados; ao nível da rua, acesso, garagem e gabinete e no pavimento superior, os dormitórios – pensaram também em tipos de materiais para identificar cada uma dessas volumetrias, compondo assim, uma arquitetura de contrastes, porém elegante.

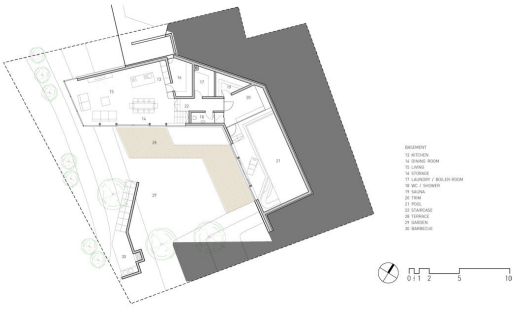


Imagem 18: Planta baixa – subsolo, evidenciando a implantação em "L" e a criação do pátio interno.
Fonte: http://studio3lhd.hr – acessado em 23/08/2008

Imagem 19: Planta baixa – pavimento térreo.
Fonte: http://studio3lhd.hr – acessado em 23/08/2008

Foto 42: Vista a partir do pátio interno – identificação dos materiais de revestimento.
Fonte: http://studio3lhd.hr – acessado em 23/08/2008

Foto 43: Vista a partir do pátio interno – composição das texturas do volume.
Fonte: http://studio3lhd.hr – acessado em 23/08/2008

Foto 44: Foto interna – integração dos espaços
Fonte: http://studio3lhd.hr – acessado em 23/08/2008

4.4.5 - Casa Poli – Pezo von Ellrichshausen

Construção: **Península de Coliumo, Chile.**

Autor: **Mauricio Pezo, Sofía von Ellrichshausen**

Ano de projeto/realização: **2003/ 2005**

Área construída: **180 m²**

Foto 45: O volume puro da edificação se mistura em meio a paisagem.
Fonte: www.plataformaarquitectura.cl – acessado em 03/08/2008.

A obra construída na Península de Coliumo (a 550 km ao sul de Santiago) teve como intenção primeira de projeto, promover a sensação de estar caindo do penhasco, construindo-a o mais próximo da borda do mesmo. O programa solicitado deveria alternar entre uma casa de férias, um centro cultural, com atividades de reunião, trabalho e galeria de arte. Isto estabelecia uma vocação contraditória: o interior devia transitar entre uma dimensão muito pública e outra mais íntima e informal.

A volumetria pura e cinza suavizou sua posição em meio a natureza rochosa do penhasco. Em função do programa, os arquitetos lançaram o projeto com um interior contínuo em visuais, porém delimitados a través dos panos que

configuravam as várias salas dessa galeria. Para dotar dessa flexibilidade exigida pelo programa, foi criada uma casca, uma segunda pele, ao volume, que dotavam os equipamentos domésticos – cozinha, e despensas, nas quais são armazenados os móveis em época de exposição – e protegeria dos intempéries do tempo (vento e insolação).

Esta intenção de diversidade programática evitou a obviedade de se criar grandes visuais ao mar, tendo sido adotado grandes quadros (esquadrias) da paisagem.

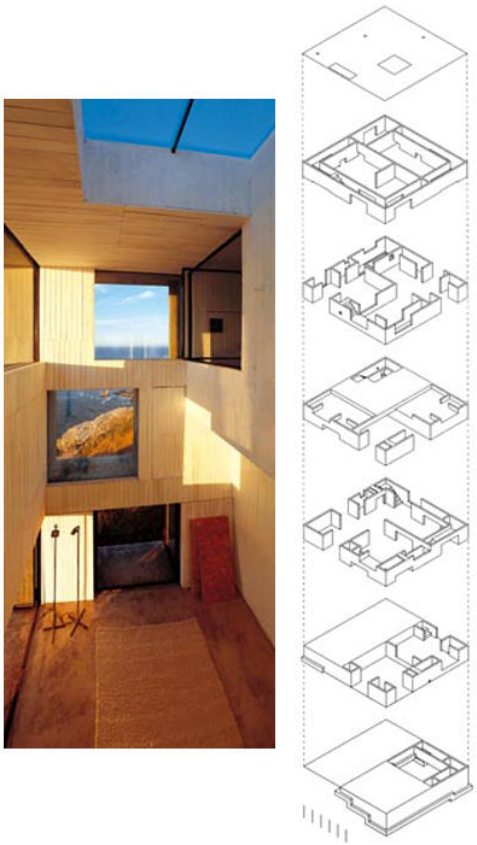


Foto 46: Esquema de composição dos espaços internos integrados e foto ilustrativa da intenção.
Fonte: www.plataformaarquitectura.cl – acessado em 03/08/2008.

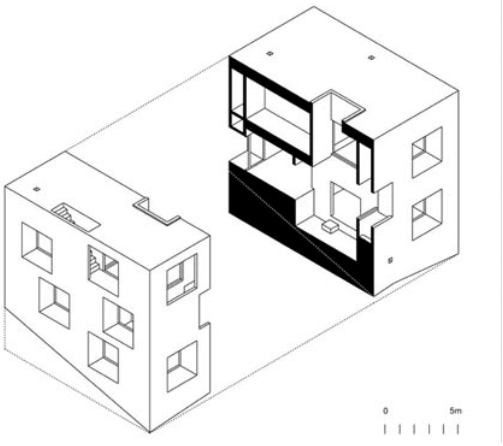


Imagem 20: Esquema de composição volumétrica.
Fonte: www.plataformaarquitectura.cl – acessado em 03/08/2008.

Foto 47: Integração dos espaços internos e externos.
Fonte: www.plataformaarquitectura.cl – acessado em 03/08/2008.

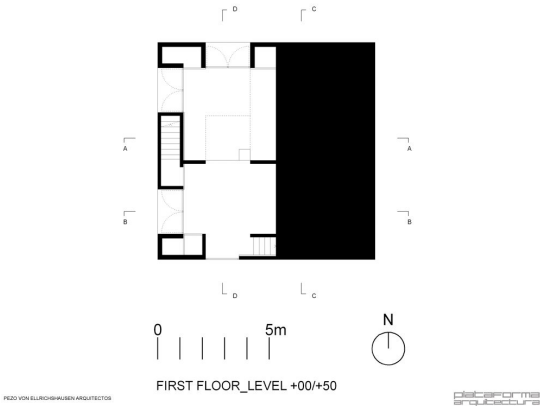


Imagem 21: Planta baixa – subsolo: integração dos espaços internos e destes para com o esterior.
Fonte: www.plataformaarquitectura.cl – acessado em 03/08/2008.

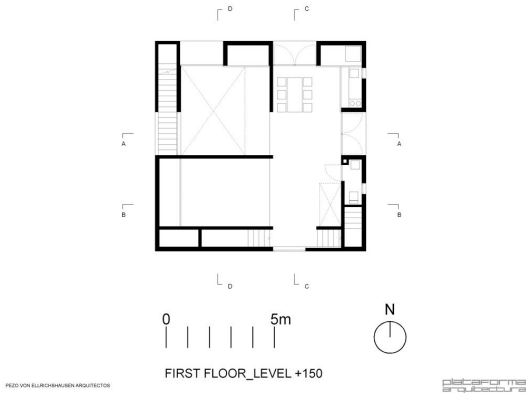


Imagem 22: Planta baixa – pavimento térreo: integração dos espaços internos e destes para com o esterior.
Fonte: www.plataformaarquitectura.cl – acessado em 03/08/2008.

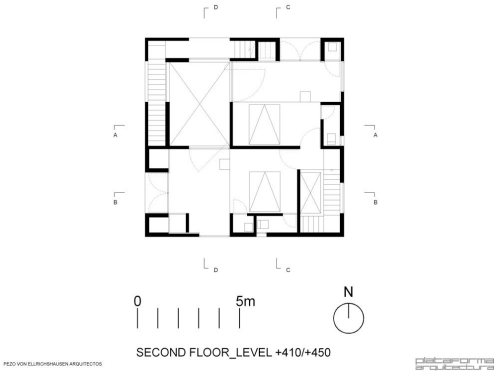


Imagem 23: Planta baixa – pavimento superior: integração dos espaços internos e destes para com o exterior.
Fonte: www.plataformaarquitectura.cl – acessado em 03/08/2008.

Foto 48: Composição do volume e paisagem.
Fonte: www.plataformaarquitectura.cl – acessado em 03/08/2008.

Figura 49, 50 e 51: Conjunto de fotografias evidenciando os “quadros” criados pelos arquitetos na volumetria.
Fonte: www.plataformaarquitectura.cl – acessado em 03/08/2008.

4.4.6 - Vila Isabella – Brasil Arquitetura

Construção: **Hanko, Finlândia**

Autor: Brasil Arquitetura – **Marcelo Ferraz e Francisco Fanucci**

Ano de projeto/realização: **2007**

Área construída: **330m²**

Foto 52: A edificação e o meio de inserção – respeito e integração com a natureza.
Fonte: www.brasilarquitetura.com.br – acessado em 23/08/2008

O projeto pensado pelo escritório Brasil Arquitetura, para essa residência em Hanko, na Finlândia, consegue, ao mesmo tempo se inserir na paisagem local, integrando-se ao meio natural que a circunda, sem interferir em suas características, e tomar como referência as informações do local.

Através de uma postura projetual que busca a integração natural x edificação, a proposta consegue interagir com o espaço através de suas formas puras, elementos transparentes e materiais locais, sem agredir o meio natural ou a ele tentar impor-se.

A clareza dos espaços propostos é referência ao desenvolvimento da próxima etapa da pesquisa, criando ambientes de integração nas zonas de convívio comum, ao mesmo tempo criando espaços reservados a intimidade.

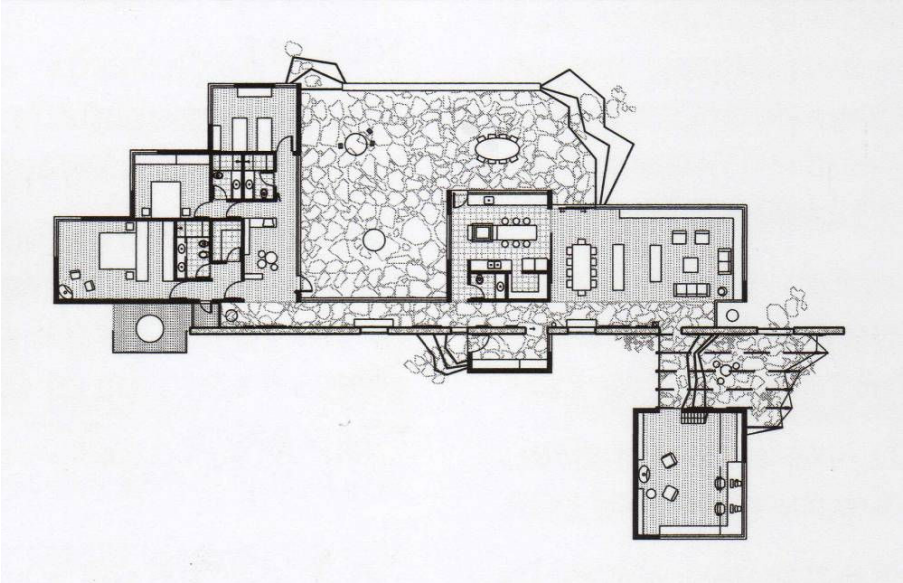


Imagem 24: Planta baixa – clareza na solução dos espaços.
Fonte: www.brasilarquitetura.com.br – acessado em 23/08/2008

Foto 53: A edificação e o meio de inserção – respeito e integração com a natureza.
Fonte: www.brasilarquitetura.com.br – acessado em 23/08/2008

Foto 54: Composição volumétrica.
Fonte: www.brasilarquitetura.com.br – acessado em 23/08/2008

Foto 55: Espaços externos e internos integrados, através dos panos de vidro das esquadrias
Fonte: www.brasilarquitetura.com.br – acessado

Foto 56: Clareza da composição e textura dos materiais utilizados.
Fonte: www.brasilarquitetura.com.br – acessado em 23/08/2008

em 23/08/2008

Foto 57: Integração entre interior e exterior.
Fonte: www.brasilarquitetura.com.br – acessado em 23/08/2008

Foto 58: Integração dos ambientes internos.
Fonte: www.brasilarquitetura.com.br – acessado em 23/08/2008

4.4.7 - Casa OS – Nolaster

Construção: **Loredo, Ribamontán al Mar, Cantabria, España.**

Autor: **NOLASTER, Carmina Casajuana, Beatriz G. Casares, Marcos González, Pablo Oriol, Fernando Rodríguez y Arturo Romero**

Ano de projeto/realização: **2002/ 2005**

Área construída: **360 m²**

Foto 59: Composição entre edificação e paisagem – Casa OS.
Fonte: www.plataformaarquitectura.cl – acessado em 23/08/2008

Construída no município de Ribamontán al Mar, na Espanha, a casa apresenta uma solução volumétrica pura, que interage na paisagem, porém não a agride, e sim dialoga, estando a levitar sobre um térreo de pilotis.

Foi definida uma movimentação de terra, a fim de criar no térreo um jardim protegido dos ventos que vem do mar. O volume superior abriga um programa de uma residência convencional, porém, com uma máxima flexibilidade, que faz interagir todos os espaços, criando uma quantidade de ligações entre ambientes independentes de um corredor. Esse volume faz relação direta com a

paisagem, tendo cortinas de aberturas criadas a fim de tirar proveito das visuais propostas pela topografia.

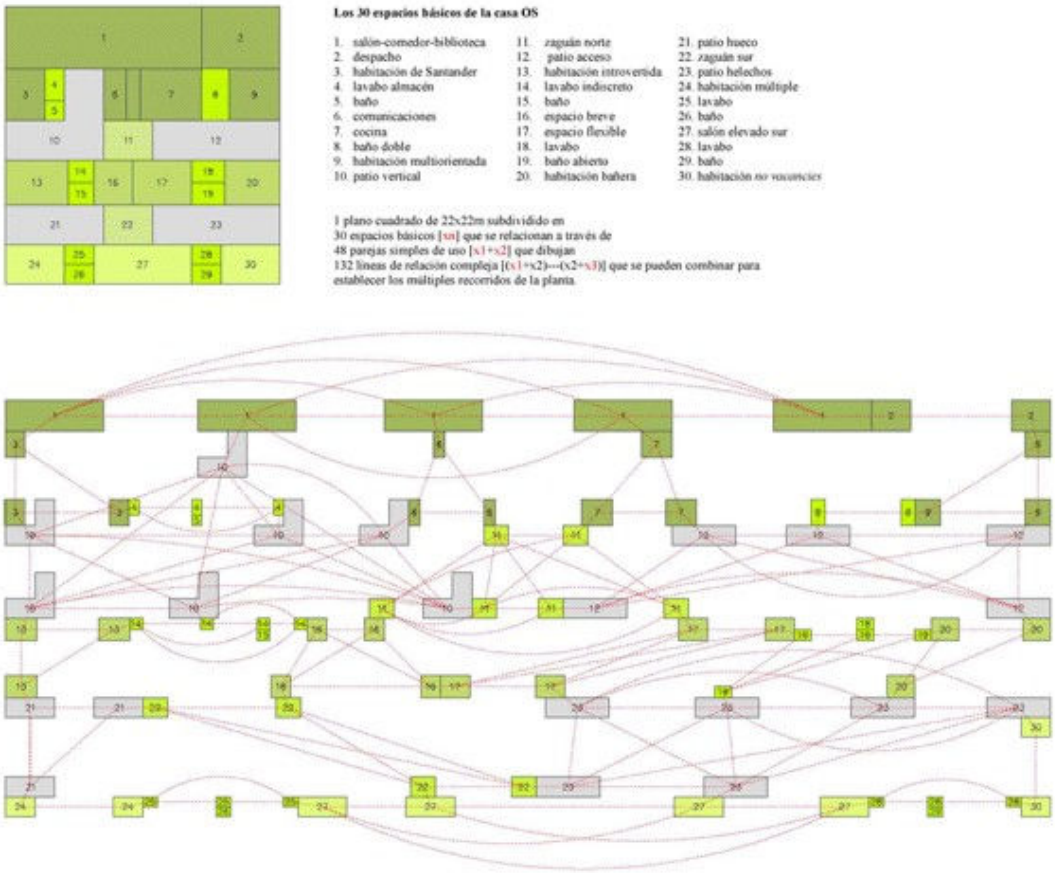


Imagem 25: Diagrama de ligação dos espaços internos – flexibilidade de interligações.
Fonte: www.plataformaarquitectura.cl – acessado em 23/08/2008

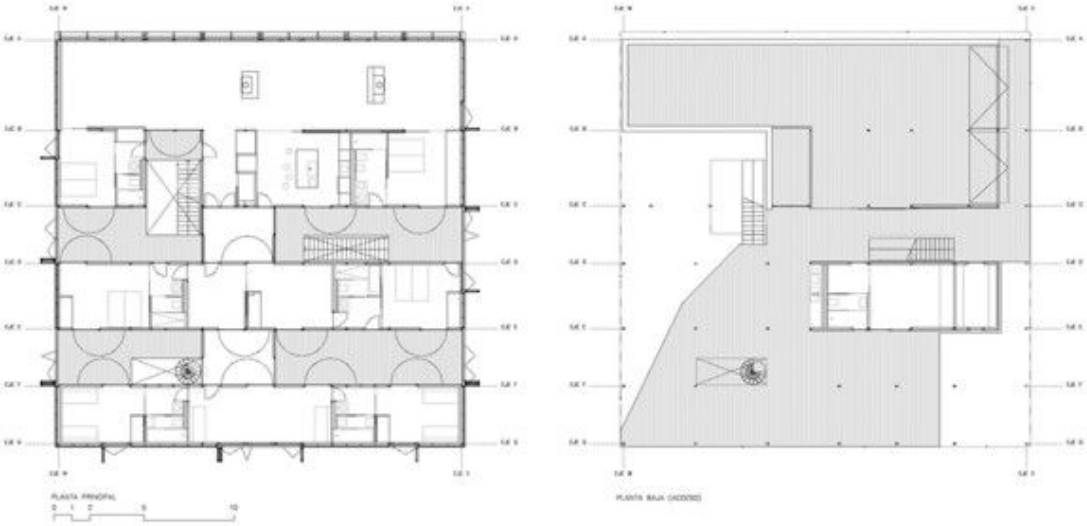


Imagem 26: Plantas baixas – pavimento térreo e superior.
Fonte: www.plataformaarquitectura.cl – acessado em 23/08/2008

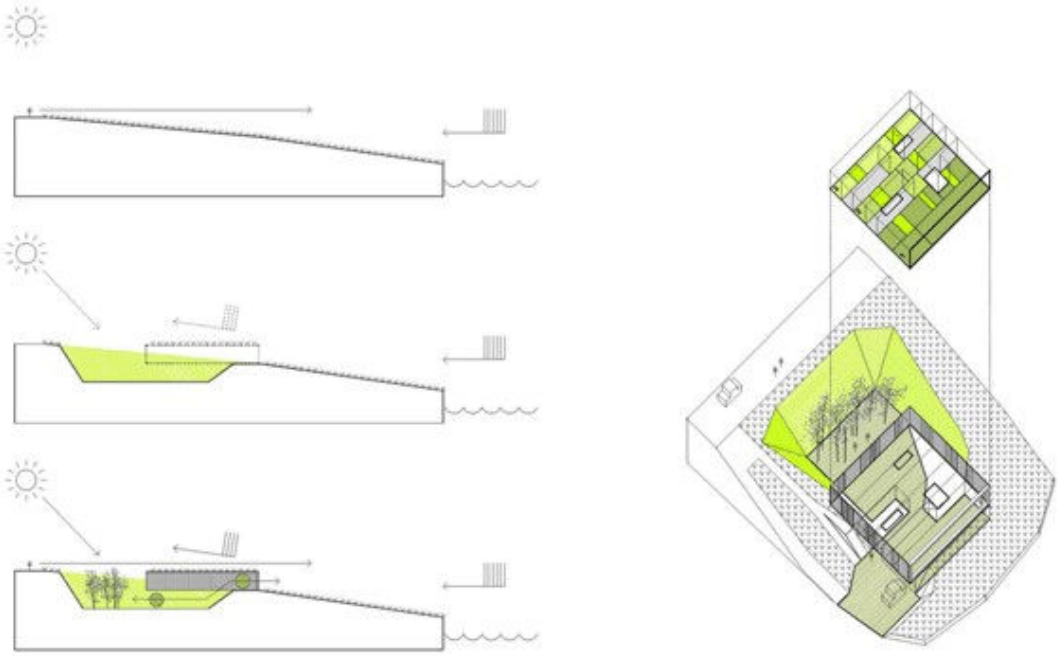


Imagem 27: Diagrama de lançamento de projeto e perspectiva dos pavimentos e inserção no lote.
Fonte: www.plataformaarquitectura.cl – acessado em 23/08/2008

Fotos 60 e 61: Fechamento lateral da edificação – uma casca que se abre conforme intenção do habitante – esquadrias previstas em projeto para proporcionar ao máximo a integração com a paisagem.
Fonte: www.plataformaarquitectura.cl – acessado em 23/08/2008

Foto 62: Visto do exterior ao interior – nota-se a continuidade dos espaços.
Fonte: www.plataformaarquitectura.cl – acessado em 23/08/2008

Foto 63 e 64: Relação dos espaços abertos internos – jardins secos foram criados como espaço de circulação entre ambientes; auxílio na ventilação dos espaços.
Fonte: www.plataformaarquitectura.cl – acessado em 23/08/2008

Foto 65 e 66: Integração dos espaços internos.
Fonte: www.plataformaarquitectura.cl – acessado em 23/08/2008

Foto 67 e 68: Cobertura – terraço jardim e os vazios que configuram os jardins internos – e a relação com a paisagem.
Fonte: www.plataformaarquitectura.cl – acessado em 23/08/2008

4.5 – Programa de Necessidades

O programa de necessidades que segue para o desenvolvimento da proposta está baseado na idéia de conforto do espaço, sem extravagâncias, apropriando-se do necessário mobiliário, equipamentos e utensílios, pensado de uma forma a comportar a família outrora já citada, compreendendo sua demanda e a vocação que esse espaço deve configurar.

Como intenção primeira da proposta, onde o espaço faz a vez de articulação entre a interação dos ocupantes, os ambientes de convívio comum devem ser concebidos com área bastante ampla, a fim de abrigar todos de maneira confortável. Como mencionado na definição da família que usufruirá da casa, existe a demanda de entender que cada filho do casal genitor já constitui uma outra família, necessitando de intimidade, dispondo de espaços que os preservem.

Os demais ambientes são de necessidades básicas para o funcionamento de uma residência, que apesar de ser de uso temporário, (finais de semana, temporadas de verão ou inverno) poderá vir a se tornar a residência permanente, estando dotada de todas as demandas que por ventura venha a ser solicitada.

PROGRAMA DE NECESSIDADES						
AMBIENTE	**DESCRIÇÃO**	**QTDADE.**	**ÁREA UN.**		**ÁREA TOTAL**	
Salas						
• Estar	Espaço utilizado para descanso e integração social; recepção de convidados; contemplação a natureza e a arte.	1	46,00	m²	71,00	m²
• Comedor	Composta por uma mesa de janta para 12 lugares. Local de aconchego para reunião da família, nos almoços e jantas.	1	30,00	m²	30,00	m²
• Estar Íntimo	Local previsto para acomodação de equipamentos de uso familiar. (TV, home-teather, DVD, vídeo-games, computador, etc...).	1	30,00	m²	55,00	m²
Cozinha	Espaço dos utilitários dos afazeres culinários – uso de equipamentos eletro-eletrônicos, também uso de fogão a lenha para preparação de alimentos extraídos da plantação vegetal própria (compotas, doces, etc...).	1	14,00	m²	14,00	m²
• Despensa	Depósito dos produtos alimentícios provenientes da produção local, bem como de produtos necessário à sobrevivência.	1	6,00	m²	6,00	m²
Dormitórios						
• Suítes	Espaço utilizado por cada integrante da família (destinados as famílias dos filhos) reservando um espaço privado no convívio social. Também um local de destino a hóspedes a serem convidados pelos proprietários da residência.	5	16,00	m²	80,00	m²
Lavanderia	Destinado aos produtos e serviços de limpeza (das vestes dos indivíduos e da casa).	1	6,00	m²	6,00	m²
Espaço da cultura						
• Atelier	Dedicado a produção intelectual dos moradores (leitura, pintura, artesanato)	1	23,00	m²	23,00	m²
Garagem	Uso de abrigo aos veículos/transportes que conduziram os ocupantes do espaço. Prever espaço para 5 veículos/automóveis	1	65,00	m²	65,00	m²

ÁREA ESTIMADA TOTAL	**350,00**	**m²**

4. 6 - Intenções projetuais

Visto o apanhado histórico apresentado das relações das sociedades; a evolução da moradia ao longo dos tempos associada ao indivíduo que a ocupa; o problema da desterritorialização do espaço e a diversidade de identidade ao qual estamos expostos nos dias atuais, em virtude da demanda consumista imposta pelo sistema capitalista, nos fazem crer que há, hoje em dia, uma sociedade miscigenada de indivíduos e conceitos associadas as diferentes teorias que se tem sobre a abordagem e entendimento do homem contemporâneo.

Como intenção de projeto, a busca por retomar a posição da família na sociedade afirmando-se como uma rede segura de relações íntimas e pessoais, o espaço será tratado aqui como ferramenta para proporcionar tal relação. Para configurar essa proposição, trataremos de abordar a residência como uma edificação centrada em um ambiente comunitário, que vise interagir as mais diversas formas de comunicação, nunca abrindo mão de entender a contemporaneidade, mas focado na sociabilidade dos indivíduos.

Compreender que essa família é formada por uma variedade de subjetividades relacionadas às pessoas que a constituem nos faz tomar partido de lançar espaços, núcleos, que supram essa demanda, pois essa família esta subdividida em outras famílias, que criaram sua forma de vivenciar o espaço e de interagirem a sós, diferentemente quando acompanhados de outros tantos. E esses espaços devem ser apenas de descanso, de repouso, livre de tecnologias (TVs, computadores, etc...)

A conexão desses núcleos ao grande espaço deve se dar de maneira a integrar não apenas as pessoas, mas de inserir-se a paisagem, a natureza, tornando esse contato com o natural, uma maneira modesta de compreender a necessidade do contato entre as pessoas. A relação do homem com a natureza – respeitosa e amável – deve ser de igual intensidade com a do homem com outro homem, indiferente de sexo ou crenças.

Apropriar-se da natureza a fim de tirar partido de suas visuais é necessário para que o homem que vivencie esse espaço possa compreender que somos parte dela também. Somos seres que sofrem mutações, sejam essas associadas à idade, ou simplesmente ao comportamento. Como o arbusto que cresce e vira uma imponente árvore, ou o vento que sopra em meio à mata e faz a calmaria das folhas levantarem e tremerem os galhos dessas árvores, e assim provocar a singela harmonia dos componentes que a constituem.

4. 7 – Diagramas de ocupação

A reunião de todos os assuntos abordados nessa etapa do trabalho (pesquisa) é definida como síntese de lançamento do projeto; como uma intenção inicial que vislumbre explorar os potenciais do local de inserção associado às intenções projetuais outrora citada.

É tratado aqui como conclusão dessa etapa, pois se baseia nas referências bibliográficas para gerar o problema a ser explorado, identificando os usuários que ocuparão o espaço, procurando através de analogias entender critérios para solução do questionado, montando um programa que supra essa demanda e organize essas informações em um diagrama de ocupação no local.

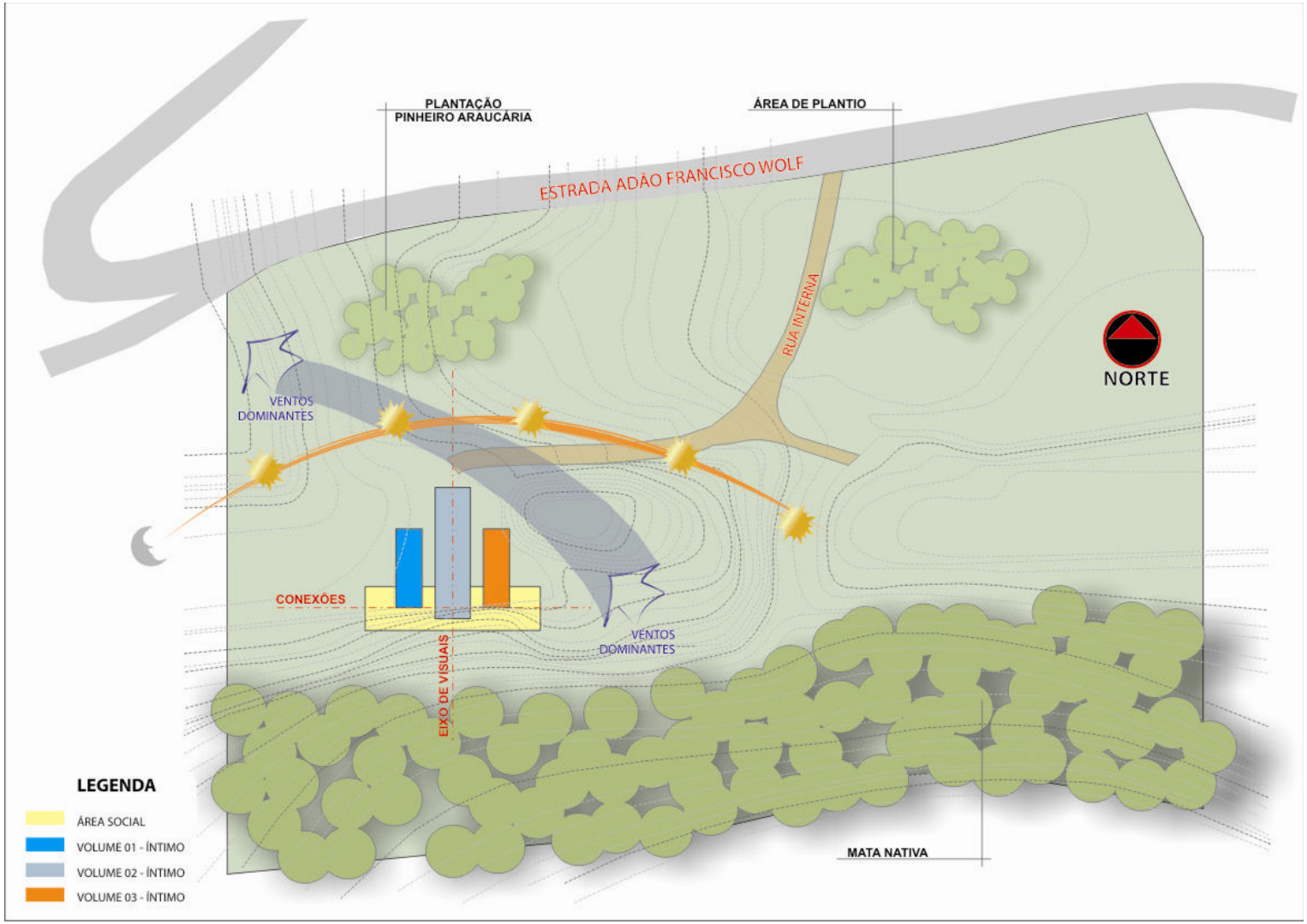


Imagem 28: Diagrama de ocupação no lote, definindo o local de implantação, visuais associadas a topografia e interferências do meio (ventos e insolação)
Fonte: Autor, 2008.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bibliografia Geral

1 - ÁBALOS, Iñaki. **La buena vida:** visita guiada a las casas de la modernidad. 2. ed. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.

2 - ACKERMAN, James S. (1985). **The Villa, Form and Ideology of Country Houses**. Washington: Princeton University Press.

3 - BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman**; trad. Carlos Alberto Medeiros. – Riode Janeiro: Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro – RJ. 2005. p. 98.

4 - BARBOSA, Rinaldo Ferreira. **Explorando as Villas de Palladio:** uma leitura contemporrânea sobre composição arquitetônica. 2005. 302 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul,Porto Alegre-RS, 2005

5 - BRANDÃO, Ludmila de Lima.. **A Casa subjetiva:** matérias, afectos e espaços domésticos. São Paulo, SP, 1999. 238 p. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1999

6 - BURNS, Howard (1975). **Andrea Palladio 1508-1580. The portico and the farmyard**. London: Graphis Press.

7 - CADERNOS DE ARQUITETURA RITTER DOS REIS. Porto Alegre, RS: Faculdades Integradas Ritter dos Reis,199u-. não especificada.

8 - DUMONT, Louis. "Do indivído-fora-do-mundo ao indivíduo-no-mundo". In: **O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna.** Cap. I, Rio de Janeiro, Rocco, 1985.

9 - FANUCCI, Francisco, FERRAZ, Marcelo. **Brasil Arquitetura** / apresentação João da Gama Filgueiras Lima, Max Risselada; ensaios e análise de projetos: Cecília Rodrigues dos Santos, Vasco Caldeira. Depoimentos e comentários dos autores. São Paulo, SP. Ed. Cosac Naify, 2005

10 - GALFETTI, Gustau G. **Casas refugio=** private retreats. 4. ed. Barcelona, España: Gustavo Gili, 1999. 144 p.

11 - JAMES, Oliver. "Constant Craving". In: **Observer Magazine**, 19 jan 2003. p. 71

12 - LE CORBUSIER (2004). **Precisões**. São Paulo: Cosac & Nasif.

13 - Lévy, Piere. **O que é o Virtual?** Trad. Paulo Neves. São Paulo, Editora 34, 1996.

14 - MONTANER, Josep Maria. **As formas do século XX.** Barcelona, Espanha: Gustavo Gili, 2002. 263 p.

15 - MONTANER, Josep Maria. **A Modernidade superada:** arquitetura, arte e pensamento do século XX. Barcelona, España: Gustavo Gili, c2001. 220 p.

16 - MONTEYS, Xavier; FUERTES, Pere. **Casa collage:** un ensayo sobre la arquitectura de la casa. Barcelona, España: Gustavo Gili, c2001.

17 - NIETZSHE, F., **Gaia Ciência**, Companhia da Letras, São Paulo, 2001.

18 - PEREIRA, Cláudio Calovi (1998). **Architectural Practice and the Planning of Minor Palaces in Renaissance Italy: 1510-1570**. Tese de Doutorado (Arquitetura) Massachusetts Institute of Technology-. MIT.

19 - PRODANOV, Cleber Cristiano. **Manual de metodologia científica.** Novo Hamburgo, RS: Feevale, 1997. 68 p. ISBN 8586661015

20 - RYBCZYNSKI, Witold. **Casa:** pequena história de uma idéia. Rio de Janeiro: Record, 1996. 261 p.

21 - RYBCZYNSKI, Witold. **Vida nas cidades:** expectativas urbanas no novo mundo. Rio de Janeiro: Record, 1996.

22 - SCHÖPKE, Regina. *O pensamento como ultrapassagem da representação clássica*. In: **Por uma filosofia da diferença: Gillles Deluze, o pensador nômade.** Rio de Janeiro: Ed. Contraponto; São Paulo: Edusp, 2004.

23 - SIMMEL, Georg. “O indivíduo e a liberdade”. In: Jessé Spuza e B. Oëlze. **Simmel e a Modernidade.** Brasília, Ed. UnB, 1998, 9p. 109 a 117.

24 - STOCKE, Verena. “Gloria o Maldición del Individualismo Moderno según Louis Dumont”. **Revista de Antropologia**, v. 44, n. 2, pp. 7 a 37, 2001.

25 - SIMMEL, Georg. “O dinheiro na cultura moderna”. In: Jessé Spuza e B. Oëlze. **Simmel e a Modernidade.** Brasília, Ed. UnB, 1998, 9p. 23 a 40.

26 - VELHO, Gilberto. Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas. In**, Individualismo e cultura**. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

27 - VIRILIO, Paul. **O Espaço Crítico e as Perspectivas do Tempo Real**. Trad. Paulo Roberto Pires. São Paulo, Editora 34, 1993.

Home Page

28 - CASA 108. Apresenta projetos desenvolvidos pelo escritório de arquitetura H Arquitectes. Disponível em: www.harquitectes.com. Acesso em 03/ago/2008.

29 - CASA em La Rozas. Apresenta informações sobre arquitetura mundial. Disponível em: www.plataformaarquitectura.cl. Acesso em 03/ago/2008.

30 - CASA J2. Apresenta trabalhos desenvolvidos pelo escritório de arquitetura 3LHD. Disponível em: http://studio3lhd.hr. Acesso em 23/ago/2008.

31 - CASA no Lago Pirihueico. Apresenta informações sobre arquitetura mundial. Disponível em: www.plataformaarquitectura.cl. Acesso em 03/ago/2008.

32 - CASA Poli. Apresenta informações sobre arquitetura mundial. Disponível em: www.plataformaarquitectura.cl. Acesso em 03/ago/2008.

33 - CASA OS. Carmina Casajuana Nolaster, Beatriz G. Casares, Marcos González, Pablo Oriol, Fernando Rodríguez e Arturo Romero. Disponível em: www.plataformaarquitectura.cl – acessado em 23/08/2008

34 – FARNSWORTH House. Ludwig Mies van der Rohe. Disponível em: www.farnsworthhouse.org. Acesso em:

35 - VILA Isabella. Brasil Arquitetura. Apresenta material de projetos do escritório Brasil Arquitetura. Disponível www.brasilarquitetura.com.br – acessado em 23/08/2008.

36 - WIKIPÉDIA a enciclopédia livre. Apresenta informações virtuais sobre o município de Igrejinha. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Morro-da-cruz03-igrejinha.jpg. Acesso em 24/ago/2008.

Software Educativo

37 - GOOGLE Earth. Apresenta imagem de satélite do planeta. Disponível em: **earth**.**google**.com/intl/pt/. Acesso em 24/ago/2008

Normas técnicas de representação.

38. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos:** NBR 9050, Rio de Janeiro, 2004. 97p.

39. IGREJINHA. **Código de Edificações.** Lei Municipal nº 1864, de 05 de outubro de 1993. Institui o Código de edificações de Igrejinha e dá outras providências.

40. IGREJINHA. **Plano Diretor de Desenvolvimento**. Lei nº 3.824, de 27 de outubro de 2006. Reestrutura o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano, Rural e Ambiental do Município de Igrejinha.